



PROJETOS DE = EDUCAÇÃO INCLUSIVA =

Construção de planos de ação voltados à inclusão
nas escolas municipais de Congonhas (MG)

Esta publicação é fruto do projeto Educação Inclusiva, uma iniciativa da Fundação Vale em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Congonhas, em Minas Gerais, e execução da Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC).



PROJETOS DE = EDUCAÇÃO INCLUSIVA =

Construção de planos de ação voltados à inclusão
nas escolas municipais de Congonhas (MG)



Agradecemos à Secretaria Municipal de Educação de Congonhas (SEMED), à Diretoria de Educação Infantil e Fundamental (DEIF) e ao Núcleo de Apoio Educacional (NAE). Agradecemos em especial a todos os profissionais da educação, entre gestores e técnicos educacionais, gestores escolares, pedagogos e professores que tornaram esta publicação possível:

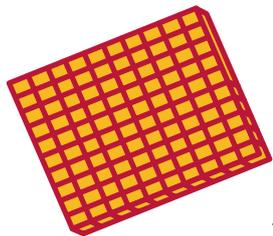
Márcia Adriana Alcântara Lemos de Oliveira, Márcia Léa Pereira Nunes Moreno e Marluce Geralda da Costa e Simone Rodrigues Cordeiro.

Alexandra Geralda Porfirio Vasconcelos, Aline Cristina Cordeiro, Ana Cláudia da Silva Santos, Ana Cristina Godoy Meireles da Costa, Ana Lúcia Vieira Monlevade, Ana Luiza Romualdo Coelho, Adriane Aline Fernandes, Andréa Cristina Silva Lobo Oliveira, Andreia Adriana Lucas de Oliveira, Bianca Augusta Fonseca Maia, Carla Regina Guerra Santana, Celina Bárbara dos Santos, Denise da Silva Assunção Lobo, Eci Maria Cordeiro Rezende, Elaine Beatriz Gomes de Lima Santos, Elaine Maria Marques Ribeiro Rezende, Eliane Aparecida Lobo Pinto, Elizabeth do Carmo Cordeiro da Silva, Elizia de Lourdes Barros Ribeiro, Érica Maria Policarpo Fernandes, Fátima Regina Coelho Ribeiro, Francisca

Cláudia de Jesus Castro, Gleise Lúcia Porfira dos Santos Franco, Graciela Rodrigues da Silva Vieira, In-diamara Gabriel Costa Souza, Ivana Beatriz Soares Maia Borges, Jamile Tatiane Lima Barboza Cruz, Ja-naina Cássia Guedes Elias, Joelma Cristiane Santos e Silva Vasconcelos, Juliana Aparecida Gonçalves, Kelly Gonçalves Nunes de Azevedo, Laira Oliva e Silva, Laura Lúcia Vaz, Luciana Rodrigues Sena, Lillian Soares Rodrigues, Lorena Cristina Santos, Lucimar Adriana de Paula, Marcilene Santos Reis, Maria de Fátima Ferreira Fonseca, Maria Erivânia Batista de Sousa, Mirtes Socorro Andrade Costa, Mônica Cristina Vilaça, Nadja Valeska Martins, Regiana Luiza Gonçalves, Regiane Aline da Silva Esteves, Regianne Maria Gervásio Lucas, Regina Maria de Araújo, Renata Cristine Faustino Reis, Rosângela Lúcia de Oliveira, Rosângela Rodrigues Oliveira Pinto, Roseli Caixeta Martins Cordeiro, Roseli Maria da Silva, Rosemeire Ferreira Pena de Moura, Rosilene de Faria Carvalho, Sandra Paula Coimbra São Pedro, Sandra Regina Dias de Melo Soares, Simone Santana Silva Gonçalves, Taciane Cristina Barbosa Brito, Tânia Mendes Cruz, Thaís Aparecida Dias Soares, Thays Layla Barbosa Medeiros, Valéria Patrícia Oliveira, Vânia Helena de Souza Moreira, Viviane Evelyse Fernandes Guimarães.

SUMÁRIO

	Apresentação	p. 8
	Com a palavra, Luísa Camargos!	p. 11
	Introdução	p. 13
	Para início de conversa... ..	p. 20
	1. Construindo um projeto de intervenção escolar	p. 24
	1.1. Diagnóstico - Evolução da perspectiva da Educação Inclusiva e definição do tema	p. 26
	1.2. Construção e execução do Plano de Ação	p. 34
	2. Construindo um Estudo de Caso	p. 68
	2.1. Relato de prática	p. 69
	2.2. Construção do Estudo de Caso	p. 80
	3. Construindo um Memorial da Formação	p.99
	Memórias outras da formação	p. 115
	Para seguirmos em diálogo... ..	p. 125
	Referências	p. 128



APRESENTAÇÃO

Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar.

Carlos Drummond de Andrade

Entendendo cada sujeito como ser único no mundo, são as nossas diferenças que potencializam essa singularidade ímpar de ser quem somos e, na diversidade é que o aprendizado enriquece, pois assim, temos a oportunidade de aprender com o diferente. Nesse sentido, “repensar o papel da escola e da sociedade para construir uma sociedade inclusiva é dever de todos” (SOUZA; GUIMARÃES et al, 2012, p. 54). Em consonância com esses ideais, a Fundação Vale apoia e investe em ações que contribuam para a melhoria da qualidade da Educação Básica e para o fortalecimento de práticas inclusivas e da diversidade no contexto escolar acreditando que “é preciso idealizar a escola como espaço de construção de saberes, capaz de reconhecer e aceitar a diversidade no desenvolvimento dos alunos como sujeitos socioculturais, promovendo, assim, uma educação realmente inclusiva” (Idem, p. 55).

Para isso, desde 2017, a Fundação Vale executa o projeto Educação Inclusiva oferecendo às redes públicas de ensino de diversos estados e municípios brasileiros ações de formação aos profissionais da educação e de implementação ou suplementação de Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) das escolas, a fim de que possam aprimorar as práticas educativas voltadas aos estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação.

Em 2020, o projeto Educação Inclusiva chega ao município de Congonhas - Minas Gerais e já contemplou outros municípios mineiros como Catas Altas (2016), Barão de Cocais, Itabira, Rio Piracicaba, Santa Bárbara, São Gonçalo do Rio Baixo (2017- 2018). No Espírito Santo foram contempladas as cidades de Ibirajú e Fundão (2019) e no Rio de Janeiro, Mangaratiba (2019) e Itaguaí (2019-2020).

A primeira etapa do projeto consistiu na construção de um diagnóstico a partir de visitas técnicas às escolas e do diálogo com a equipe da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), gestores e educadores. Os dados construídos a partir do diagnóstico orientaram o processo de escolha das escolas a serem contempladas pela suplementação das SRM, bem como a elaboração do Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva que visou, dentre seus objetivos, proporcionar a reflexão e a inovação das práticas pedagógicas de inclusão nas escolas.

Essa publicação apresenta os resultados do processo formativo a partir da compilação de algumas das produções das equipes de multiplicadores das quinze escolas participantes: CEMEI Pingo de Gente, EM Conceição Lima Guimarães, EM Dona

Maria de Oliveira Castanheira, EM Engenheiro Oscar Weinschenck, EM João Narciso, EM João Olyntho Ferraz, EM José Cardoso Osório, EM José Monteiro de Castro, EM Judith Augusta Ferreira, EM Lucas Estevão Monteiro, EM Maria Augusta Monteiro, EM Michael Pereira de Souza, EM Nossa Senhora D'Ajuda, EM Rosália Andrade da Glória e EM Sr. Odorico Martinho da Silva. São registros em formatos variados de cada etapa do Programa de Formação em que as escolas foram convidadas a construir e implementar projetos de intervenção voltados às práticas inclusivas, especialmente voltadas a estudantes público-alvo da Educação Especial.

Esperamos que este material possa inspirar práticas pedagógicas inovadoras e potentes e contribuir para que a Educação Inclusiva, democrática e transformadora seja realidade efetiva para todos os estudantes.

Boa leitura!!!



Com a palavra, Luísa Camargos!

Olá, pessoal!

Que alegria poder compartilhar memórias e experiências vivenciadas ao longo do Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva!

Enquanto integrante da equipe da AIC e primeira jovem com Síndrome de Down no Brasil a se formar no ensino superior em Relações Públicas, sinto-me honrada em poder fazer parte de mais uma edição do projeto Educação Inclusiva.

Foi muito importante ajudar a construir todos os momentos formativos junto a vocês. Desde o webinar de abertura da formação, em que fui cerimonialista, até a minha participação em atividades desenvolvidas nos planos de ação de algumas escolas. Fui entrevistada, entrevistei professoras e gravei vídeos.

No último encontro do Programa de Formação recitei uma poesia sobre inclusão no sarau virtual. Foi gratificante poder participar e trocar com as professoras, colocando em pauta a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, tema que defendo bastante.

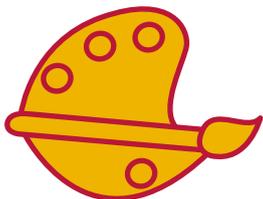
É muito importante os docentes reconhecerem às especificidades de cada aluno e compreenderem a responsabilidade para manter cada vez mais a diversidade e a inclusão como uma realidade escolar e social.

Parabéns a todas e todos vocês pelo trabalho que realizam junto a crianças, adolescentes e jovens com deficiência contribuindo para o seu pleno desenvolvimento e para que sejam efetivamente incluídos/as e reconhecidas/os em todos os espaços da sociedade.

Um abraço e até a próxima!

Luísa Camargos

Para conhecer um pouco mais sobre minha trajetória de vida, minha rotina e assuntos relacionados à inclusão, você pode me seguir no **Instagram**, pelo **@lusrcamargos**, ou acessar o **site** www.inclusiveluisa.aic.org.br/



INTRODUÇÃO

Um dos campos mais fortemente afetados pela pandemia do novo Coronavírus é a Educação. Desde março de 2020, acompanhamos o fechamento das escolas e, posteriormente, os esforços para implementação de estratégias de ensino remoto emergencial e ensino híbrido a fim de buscar garantir a oferta de atividades escolares às/aos estudantes de todas as redes de ensino. Os impactos da pandemia agravam o quadro de evasão e abandono escolar e de desigualdades educacionais, além de comprometerem o desenvolvimento da aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens, especialmente dos mais pobres.

O que podemos fazer para minimizar esses impactos? Como seguir dando vida a uma escola que agora se caracteriza pelas atividades remotas, marcadas pelo uso de ferramentas digitais? Como recuperar o vínculo entre estudantes e escolas e garantir-lhes o direito à aprendizagem? Essas e muitas outras questões tomam conta da fala e do sentimento dos professores que vivenciam o movimento de mudança educacional, de reinvenção das práticas docentes diante do contexto do ensino remoto e híbrido e de grave crise humanitária.

Foi nesse contexto, em outubro de 2020, que iniciamos o projeto Educação Inclusiva, no município de Congonhas, em Minas Gerais, e, em março de 2021, a etapa da formação com a implementação do Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva. O programa foi planejado para ser executado integralmente na modalidade remota e foi desenhado visando atender a demandas formativas apontadas no diagnóstico realizado junto à rede municipal de educação. Nesse sentido, a formação foi estruturada a partir da estratégia de composição de equipes de multiplicadores das escolas para a construção de projetos de intervenção voltados a práticas pedagógicas inclusivas.

Importante ressaltar que o município adotou o ensino remoto cujas principais estratégias consistiram na elaboração e entrega dos MAPs – Material de Apoio Pedagógico; no apoio e orientação remota aos estudantes e famílias, via ferramentas digitais; e na busca ativa a estudantes que apresentavam

risco de abandono escolar envolvendo o encaminhamento a serviços de assistência social conforme as demandas das famílias. Os profissionais da educação seguiram, portanto, atuando na busca de viabilizar o direito à educação às/aos estudantes de Congonhas. Entre os vários desafios da rede estava o de atender remotamente também às/aos estudantes público-alvo da Educação Especial. Para isso a rede conseguiu ampliar a estratégia de entrega dos MAPs, complementando e adaptando os materiais para o atendimento a estudantes com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), altas habilidade e superdotação.

O **Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva** veio ao encontro das iniciativas adotadas pela rede, contribuindo para potencializar e ampliar as ações pedagógicas adaptadas, bem como para promover ações de sensibilização e mobilização da comunidade escolar em torno da pauta da Educação Inclusiva.

Durante o processo formativo, o retorno presencial e os caminhos seguros para tal retorno começavam a ser discutidos e foram temas frequentemente abordados pelos cursistas. As perguntas que naquele momento surgiam buscavam encontrar o melhor caminho, diante de tantas incertezas, para a implementação do ensino híbrido e posteriormente a retomada do ensino presencial.

VOCÊ SABIA?

Em abril de 2020, um parecer foi organizado, em colaboração com o Ministério da Educação (MEC), por algumas entidades nacionais, especialistas e entidades da sociedade civil a respeito do retorno das atividades presenciais nas escolas. O parecer do Conselho Nacional de Educação, CNE/CP nº 5/2020 traz orientações voltadas para o retorno presencial no contexto de pandemia da COVID-19 e ainda uma abordagem específica voltada às/aos estudantes público-alvo da Educação Especial.

Para ler o documento acesse: <https://bit.ly/3Ekj2s>

Atravessados por todo esse contexto de grandes incertezas e em busca de encontrar rumos para educação, sobretudo para Educação Especial e Inclusiva em meio à pandemia, a necessidade de adaptação e mudança fomentava o desejo de pensar outras práticas. Nesse contexto, o Programa de Formação foi mais um aliado dos profissionais das escolas participantes do projeto no processo tão desafiador de adaptação das práticas pedagógicas para o atendimento pedagógico remoto e (posteriormente) híbrido às/aos estudantes.

Participaram da formação 64 profissionais da Rede Municipal de Educação de Congonhas, representantes das 15 escolas do município que possuem Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), entre: gestores, professores regentes, professores de apoio, professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e pedagogos. Esses profissionais foram convidados a atuarem como

multiplicadores de práticas inclusivas na educação especial em sua rede.

O educador/a e/ou gestor/a escolar, inscrito no Programa de Formação Remoto do projeto Educação Inclusiva – Congonhas – tem papel fundamental na multiplicação e difusão de práticas inclusivas na sua escola. Sabemos que para alcançar uma educação que seja efetivamente inclusiva, igualitária e democrática, toda a comunidade escolar (estudantes, famílias e profissionais da escola) deve trabalhar de forma corresponsável e participativa. Sendo assim, todos os funcionários das escolas devem estar cientes das práticas inclusivas e trabalhar juntos na busca pelos resultados. Nesse sentido, o papel

nessa formação é atuar como multiplicador/a dos conhecimentos que iremos construir ao longo dessa jornada. Para isso é fundamental envolver os demais integrantes da equipe escolar e fomentar a discussão sobre a melhoria das práticas inclusivas dentro da escola (Diário de Bordo; AIC, 2021).

Com entrega, disponibilidade, atuação e comprometimento da equipe de multiplicadores, o Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva tornou-se espaço de “esperançar”. Espaço de encontro, de trocas de experiências, de trabalho colaborativo, de “ação-reflexão-ação”, de escuta, de criação de possibilidades e de invenção de “inéditos viáveis” (FREIRE, 1992). Nesse sentido, a publicação *Projetos para Educação Inclusiva – Construção de planos de ação voltados à inclusão nas escolas*

municipais de Congonhas (MG) reúne uma pequena mostra dos trabalhos coletivamente construídos ao longo da formação, destacando as narrativas dos profissionais sobre a experiência vivenciada ao longo dos seis meses de percurso formativo.

O documento foi organizado em três partes. Na primeira, *Construindo um Projeto de Intervenção Escolar*, são apresentados os Planos de Ação de parte das escolas, elaborados durante a formação. A estrutura do programa tem como premissa inicial a valorização da prática, entendendo que nela se produz conhecimento valioso. A partir de uma escuta com a comunidade escolar, gerou-se um diagnóstico sobre a qualidade da Educação Inclusiva. Com base nas forças e fragilidades apontadas por esse diagnóstico, os participantes do programa planejaram e executaram projetos de intervenção em suas escolas. Alguns desses projetos, bem como alguns registros das atividades realizadas, estão nesta publicação.

Já na segunda parte, *Construindo um Estudo de Caso*, há o registro de alguns relatos de prática construídos em formato de escrita narrativa. Nesses relatos, cada equipe compartilhou uma prática pedagógica e/ou uma experiência docente vivenciada, voltada à Educação Especial. A partir dos relatos a equipe de outra escola foi desafiada a fazer um estudo de caso propondo intervenções pedagógicas diversas. Sendo o estudo de caso um instrumento usado em atividades de formação continuada, ele se baseia em experiências vividas e têm como objetivo provocar educadores, gestores e demais atores da comunidade escolar a refletirem e a se colocarem em situações que envolvam tomada de decisões. Nesse sentido, nessa parte da publicação, também são identificadas as propostas de intervenção construídas a partir dos estudos de caso. Essa experiência de troca dos relatos de práticas e estudos de casos entre pares oportunizou às/ aos professores a construção de um olhar colaborativo sobre as práticas no cotidiano escolar, além de contribuir para o

protagonismo desses profissionais enquanto educadores-pesquisadores de seu saber-fazer docente, a partir da compreensão de que “as propostas teóricas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão, se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre seu próprio trabalho” (NÓVOA, 2009, p.416).

A terceira e última parte, *Construindo um Memorial da Formação*, é composta por um conjunto de narrativas, histórias, memórias que, ao retomarem as lembranças das experiências vividas durante a trajetória no Programa de Formação, os professores multiplicadores, valendo-se dos mais diversos estilos de escrita e expressão, destacaram aquilo que mais os “tocou, passou, atravessou” (LAROSSA, 2014).

Sobre o processo de curadoria das produções que compõem essa publicação, buscou-se selecionar uma diversidade de formatos, abordagens, estilos, conteúdos e linguagens que refletisse a diversidade de escolas participantes da formação. Por isso, diferentes escolas estão contempladas em distintas seções do documento. Foram feitas padronizações nos textos originais disponibilizados pelas equipes de multiplicadores das escolas, contudo, sem alterar os estilos, os sentidos e significados.

Esperamos que esse material possa reverberar as vozes dos gestores e professores multiplicadores que em uníssono lutam pela Educação Inclusiva, em respeito e valorização das diferenças. Desejamos que os tempos pandêmicos em breve sejam uma narrativa sobre o passado, e, mesmo em meio aos inúmeros desafios, desejamos ainda que a educação democrática e inclusiva seja realidade para todas as crianças, adolescentes e jovens.

Aproveite!

PARA INÍCIO DE
CONVERSA...



UM MEMORIAL DA FORMAÇÃO PELO OLHAR DAS FORMADORAS!!!

AS MEMÓRIAS QUE GUARDAMOS NO WHATSAPP

Laiene

Mulheres, quando fiz esse grupo pra gente trocar figurinhas sobre a formação e as tutorias, nem imaginava o quanto de experiências que iríamos trocar.

Parece que foi ontem que eu recebi esse feliz convite para fazer parte do Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva de Congonhas. E de lá para cá, quanta coisa já rolou!

Laiene

É isso mexmo!!! Hahaha

Lembro que o começo foi cheio de emoções mesmo. Mas a cada reunião com a SEMED e o pessoal do NAE, para alinhar e redesenhar nossa proposta, eu ficava mais animada ao perceber que em Congonhas a Educação Inclusiva é valorizada.

Danusa

Pois é, gata! Você se lembra da gente lá em janeiro, desenhando e imaginando como tudo seria. Pensando cada detalhe para construirmos a proposta do Diário de Bordo. Esse comecinho era sem dúvidas como uma caixinha de surpresas. Ainda mais para mim, levando meu carioquês para as terras, ou melhor, plataformas virtuais em Minas Gerais!

Kênia

Pois é! Muita coisa rolou e o que não faltou foi desafio. A começar por esse maldito Coronga sempre assombrando todas nós. E os perrengues tecnológicos? Era conexão de internet que caía na hora errada, compartilhamento de tela que não funcionava, celular com a memória cheia. Hahahaha
Tive até que assumir uma participação em onipresença virtual para garantir que tudo pudesse ocorrer bem

Danusa

Kênia foi nossa salvadora da sala do Meet, rainha de todas as tecnologias! Hahahaha

E por falar em perrengue tecnológico, e o Webinário de lançamento, vocês lembram? Foram vários mini infartos no início do evento para conseguir fazer a transmissão pelo Facebook. A gente nunca tinha feito aquilo, mas o resultado foi excelente e agora a gente tem história pra contar!

Kênia

A Lu arrasa, né! E nos ensina SEMPRE que a inclusão é possível e transformadora na vida das pessoas!

Hein Deusas, e os grupos focais? Lembram desse rolê? Nossa, tivemos encontros que duraram até 9h da noite, às vezes tinham três encontros agendados por dia!!

Eu achei que a gente ia enlouquecer!

Kênia

Eu concordo. Escutei de muitas professoras que descobriram nas ferramentas virtuais possibilidades outras de incremento e inovação em suas práticas pedagógicas. E afinal das contas, isso tem tudo a ver com a Educação Inclusiva, né.

Laiene

E desde o Webinário de sensibilização, já foi possível perceber o engajamento da rede de Congonhas!!

A participação da Luísa também me marcou muito.

Deu show no cerimonial e até participou de algumas ações nos projetos de intervenção das escolas a convite das professoras.

Como é bom poder construir redes!

Laiene

Super!! Hahaha Mas, apesar do cansaço, aquelas semanas foram incríveis, né?

Aquele momento como um espaço de escuta e diálogo entre família e escola foi, certamente, engrandecedor para nós e acredito que para cada uma das escolas também.

A pandemia trouxe muitos desafios desse reinventar-se em meio ao caos e esse movimento de encontrar possibilidades de tecer ações mesmo no contexto remoto, é realmente incrível.

Danusa

Elas já faziam um trabalho brilhante, o programa de formação foi só um empurrãozinho. Agora, eu já posso até ver o brilho delas daqui do Rio! Hahaha!

São todas excelentes profissionais e comprometidas com a Educação Inclusiva. Esse é o segredo delas: querem fazer diferente e inovar sempre!

Kênia

Sem dúvidas, a parceria é tudo!!! E foi assim até o fim! Olha que maravilhas que elas construíram nas ações promovidas pelas escolas! A Educação Inclusiva de Congonhas está em boas mãos!

Danusa

É mesmo, certamente cada experiência vivida estará para sempre marcada em minha memória!!

Laiene

Eu acho que as palavras 'parceria' e 'troca' definem bem.

Cada um traz um pouquinho do que tem de bom da sua bagagem e leva um pouquinho do que o outro também tem de bom.

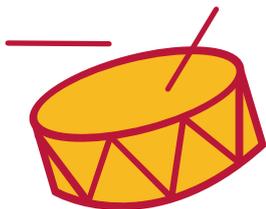
No nosso caso, foi pelo Meet e pelos grupos de Whatsapp, mas eu sinto como se estivesse estado em Congonhas.

Laiene

É, essa nossa conversa já me deixa com saudades de tudo que a gente viveu com essa rede incrível!!

Kênia

Verdade... mas por ora, vamos deixamos essas memórias guardadas no WhatsApp!



1. CONSTRUINDO UM PROJETO DE INTERVENÇÃO ESCOLAR

O ponto de partida do Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva de Congonhas, em Minas Gerais, foi a realização de um diagnóstico com cada uma das quinze escolas participantes do programa. O objetivo era compreender as singularidades de cada escola e comunidade escolar, bem como levantar suas potências e desafios para a efetivação da Educação Inclusiva. Esse processo diagnóstico deu origem, por sua vez, às propostas de intervenções para ampliar e melhorar a qualidade das práticas inclusivas.

Tendo como princípio formativo a valorização da prática docente, pois “é pensando sobre a prática que realizamos práticas outras” (FREIRE, 2010), foi fundamental escutar as equipes de multiplicadores, a comunidade escolar, conhecer os cotidianos das escolas, identificar suas potencialidades e fragilidades. Tal processo contribuiu para ressignificar a ação docente e buscar exercitar uma nova perspectiva de atuação na educa-

ção, sobretudo, na lógica da Educação Inclusiva, afinal, “a educação deve contemplar todos e educadores e instituições precisam trabalhar com o objetivo de desenvolver um projeto pedagógico e educacional que atinja TODOS os alunos” (FABRÍCIO e CANTOS, 2011, p.115).

Acreditando nisso, propomos como atividade formativa a elaboração de um Plano de Ação realizado por cada unidade escolar a partir do diagnóstico conduzido através da metodologia de grupos focais em formato remoto e com a participação de um grupo representativo

da comunidade escolar (professores, gestores, funcionários técnico administrativos, estudantes, familiares e vizinhos). Assim, as etapas para que as escolas elaborassem o Plano de Ação foram as seguintes:

1. **REALIZAÇÃO DE UM DIAGNÓSTICO A PARTIR DE GRUPOS FOCALIS;**
2. **LEVANTAMENTO DAS POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DIAGNOSTICADAS;**
3. **ELABORAÇÃO DO PLANO E AÇÃO;**
4. **EXECUÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO.**

1.1. Diagnóstico - Evolução da perspectiva da Educação Inclusiva e definição do tema

Para ilustrar um diagnóstico a partir de grupos focais, apresentamos, a seguir, a proposta realizada pela EM Dona Maria de Oliveira Castanheira. Neste exemplo, evidenciamos a ferramenta diagnóstica - Tabela grupos focais de consenso progressivo com classificação por cor / nível - e sua metodologia de uso.

Evolução da perspectiva da Educação Inclusiva

<i>Avaliação</i>	<i>Discordo totalmente</i>	<i>Discordo em grande parte</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo em grande parte</i>	<i>Concordo totalmente</i>
Inclusão é um tema discutido pela comunidade escolar (estudantes, famílias, profissionais) como um todo e os desafios para a promoção da inclusão de estudantes com deficiência são tratados de forma conjunta e colaborativa por todas as pessoas da comunidade escolar.					
As famílias (considerando pais ou responsáveis pelos alunos com e sem deficiência) possuem informações sobre como se dá a Educação Inclusiva na escola e participam das ações de forma colaborativa.					
Considerando que através da Educação Inclusiva, cada estudante é visto como um ser único, e as diferentes formas de aprender são levadas em consideração, todos os alunos da escola são respeitados em suas diferenças (seja ela de cor, gênero, pessoa com deficiência, orientação sexual) e, além disso, temas sobre diversidade, discriminação e tolerância são abordados em sala de aula, e integram o currículo escolar.					

<i>Avaliação</i>	<i>Discordo totalmente</i>	<i>Discordo em grande parte</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo em grande parte</i>	<i>Concordo totalmente</i>
Considerando o ambiente educativo inclusivo na modalidade remota durante a pandemia, foram implementadas estratégias efetivas para continuar o atendimento pedagógico dos/das estudantes com deficiência, TGD, TEA e Altas Habilidades e Superdotação, considerando os desafios do ensino remoto e as especificidades desses/dessas estudantes.					
Professores de sala regular incluem no planejamento pedagógico recursos e ferramentas de acessibilidade e adaptações curriculares que atendam às necessidades específicas de aprendizagem dos estudantes público alvo da AEE, alinhado ao currículo escolar.					
Há articulação entre o trabalho pedagógico desenvolvido na SRM e na sala regular, com apoio da família, de forma intencional e orientada pelos objetivos de aprendizagem.					
O PDI (Plano de Desenvolvimento Individual) dos estudantes público alvo da AEE é utilizado no processo de avaliação da aprendizagem e desenvolvimento desses estudantes de forma articulada entre coordenação pedagógica, prof. AEE, prof. apoio e prof. Regente.					
Equipe escolar como um todo (considerando gestores, coordenadores, professores de sala regular, de AEE e de apoio) participa de formações sobre Educação Inclusiva ou educação especial, oferecidas seja pelas suas escolas ou pela Secretária.					

<i>Avaliação</i>	<i>Discordo totalmente</i>	<i>Discordo em grande parte</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo em grande parte</i>	<i>Concordo totalmente</i>
A escola elabora ou já elaborou projetos de intervenção escolar que condizem com a realidade escolar e que são centrados no desenvolvimento da inclusão como princípio educativo e com o objetivo de disseminar práticas inclusivas.					
Os projetos de intervenção são desenvolvidos na escola de forma transdisciplinar e colaborativa, com envolvimento dos diferentes segmentos da comunidade.					
Para além de compreender o conteúdo teórico sobre Educação Inclusiva, os professores de sala regular, AEE e apoio refletem sobre suas práticas cotidianas de forma a potencializar seu trabalho e compartilhar suas experiências.					
Nas reuniões de planejamento, monitoramento e avaliação do trabalho pedagógico a Educação Inclusiva é contemplada.					
Tendo em vista a possibilidade da adoção do ensino híbrido (atividades remotas e presenciais), essa escola tem estudado alternativas para atender o público da Educação Inclusiva considerando as especificidades de cada estudante.					

<i>Avaliação</i>	<i>Discordo totalmente</i>	<i>Discordo em grande parte</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo em grande parte</i>	<i>Concordo totalmente</i>
O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola é atualizado periodicamente com a participação de toda a comunidade escolar (estudantes, pais, professores, profissionais e gestão) e contempla a política de Educação Inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado (AEE).					
A escola monitora a frequência dos/das estudantes público alvo do AEE às atividades na SRM. Em caso de evasão, a escola adota alguma medida para trazer essas estudantes de volta (Ex: busca ativa, reavaliação metodológica e propostas pedagógicas, mapeamento das fragilidades da escola, projetos interdisciplinares, controle e acompanhamento das frequências dos estudantes, etc.).					
Considerando o acesso, a permanência e o sucesso dos/das estudantes, todos da equipe escolar têm clareza de como funciona o fluxo de encaminhamento de estudantes aos serviços públicos (serviço de saúde, conselho tutelar, CRAS, CREAS, etc), bem como atua em articulação com o Sistema de Garantia de Direitos.					
Em relação à acessibilidade física, esta escola possui infraestrutura adequada ao atendimento de pessoas com deficiência (equipamentos, móveis, tecnologias assistivas, profissionais especializados, estrutura física como rampas, sinalização, etc.).					
Em relação à acessibilidade pedagógica, esta escola possui recursos e ferramentas de acordo com as necessidades dos alunos do AEE matriculados, como: traduções em libras, métodos de leitura para deficientes visuais, braille, tecnologias assistivas.					

A partir das discussões traçadas nesse grupo focal, as potencialidades e fragilidades extraídas delas e, entendendo que é nessa parceria família-escola que os resultados educacionais são alcançados, as professoras multiplicadoras encaminharam-se para o segundo passo: fazer um levantamento das fragilidades e desafios apontados, levantar prioridades e planejar um projeto de intervenção.

O projeto de intervenção “pressupõe ir além da descoberta de problemas, faltas, dificuldades ou impossibilidades, mas de prever a descoberta de habilidades em potencial, apontar possibilidades e outros aspectos construtivos, que certamente existem em todas as pessoas” (FABRÍCIO e CANTOS, 2011). Nessa direção, a partir de reunião entre equipe escolar da EM Dona Maria de Oliveira Castanheira, tomando o diagnóstico como base e alguns de seus aspectos destacados, a equipe de multiplicadores construiu o Plano de Ação *Escola e Família: conectadas por uma Educação Inclusiva*. O plano tinha como objetivos:

- **Dar visibilidade ao trabalho realizado na escola para toda a comunidade escolar;**

- **Compartilhar com as famílias as informações sobre o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) para que possam entender o que é pretendido acerca do desenvolvimento dos alunos;**
- **Realizar encontros periódicos com a família e com os profissionais nos diversos ambientes da escola.**

Com o projeto em execução, muitas foram as transformações percebidas pela equipe de multiplicadoras, sobretudo no que se refere ao diálogo entre família e escola. A questão do diálogo, embora fosse trabalhado pela escola, com o contexto remoto, tornou-se um ponto de atenção devido a diversos desafios, como o contato através do ambiente digital.

A EM Dona Maria de Oliveira Castanheira alcançou excelentes resultados na comunicação com as famílias. Seus anseios, suas aflições, expectativas, transformação e vontade de fazer mais pela educação e pelas crianças podem ser percebidos no relato feito pela equipe de multiplicadoras sobre a experiência vivida.

Relato da EM Dona Maria de

Oliveira Castanheira

(Junho de 2021)

Retomamos as atividades na rede municipal de Congonhas, em agosto de 2020, com aulas remotas e uma proposta inicial de oferecer aos alunos os Planos de Estudos Tutorados (PET) do estado de Minas Gerais. Logo percebemos que teríamos que abandonar todo aquele material e construir algo que atendesse às necessidades dos estudantes da Educação Especial. Assim, olhando para os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI) dos alunos, para as habilidades prioritárias da série e pensando em como poderíamos dar continuidade à aprendizagem, as professoras de apoio e do Atendimento Educacional Especializado (AEE), se reinventaram para propor algo que pudesse ser desenvolvido pelas famílias. Iniciamos assim, o envio mensal para a casa dos alunos de um caderno adaptado impresso, que logo foi chamado na rede de Material de Apoio Pedagógico (MAP). Os MAPs contêm atividades planejadas para cada semana,

alguns materiais concretos e manipulativos, além de uma rotina de trabalho, indicando à família como se organizar para ajudar aquela criança.

Outra estratégia realizada foi a criação de um canal de comunicação direto com a família no horário de aula. Por meio do WhatsApp, as professoras de apoio puderam esclarecer dúvidas referente aos MAPs, além de receber pequenos vídeos e fotos mostrando o desenvolvimento das crianças. Foi um período de muitos desafios, pois algumas famílias tinham muita dificuldade em entender a proposta de trabalhar com suas/seus filhos e pouco retorno tínhamos acerca do desenvolvimento das crianças, dificultando a tomada de decisão das educadoras sobre quais propostas enviar de forma a atender as especificidades da/o aluna/o.

Em 2021, ainda vivendo uma realidade pandêmica, iniciamos o ano letivo com a mesma proposta dos MAPs, que seriam entregues impressos às famílias. Revisamos os PDIs para que pudéssemos dar continuidade ao trabalho

realizado no ano de 2020 e, após isto, iniciamos a revisão das aprendizagens na proposta do MAP1, trabalho este que continuava remotamente, com o envio mensal do material adaptado a partir das habilidades prioritárias da série, levando-se em consideração o que havia sido trabalhado no ano anterior e as propostas do PDI dos alunos.

Durante este período, ainda recebíamos pouco retorno das famílias, pela proposta de interação e apoio acordados para o momento, que era o contato pelo WhatsApp com a professora de apoio. No MAP2 a proposta era um diagnóstico da aprendizagem e, devido à falta de retorno da família e ao distanciamento, não sabíamos como estava se dando a mesma.

Em abril de 2021 fomos convidadas a participar do Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva. Assim que iniciamos as atividades da formação, tendo como pro-

posta inicial a realização de um encontro com toda a comunidade escolar para juntos pensarmos as potencialidades e fragilidades da escola, organizamos então a reunião com o Grupo Focal, na qual participaram a equipe de formação (multiplicadoras) da escola, profissionais da escola e pais de alunos.

Diversos itens nortearam as discussões do grupo acerca da evolução da perspectiva da Educação Inclusiva na escola. Houve itens em que se fez necessário um debate mais intenso e, nesse momento, percebemos que no Plano de Ação que iríamos desenvolver a partir do diagnóstico construído com base nessas discussões (outra proposta de atividade da formação), deveríamos contemplar a intensificação do contato com as famílias, uma vez que já era nosso anseio e também uma “cobrança” por parte delas.

Como uma das atividades de nosso Plano de Ação,

realizamos reunião com o responsável de alguns alunos e esclarecemos todas as suas dúvidas e também explicamos a proposta de trabalho da escola em relação ao nosso aluno. Essa conversa foi necessária, uma vez que algumas famílias afirmavam saber as estratégias necessárias para o desenvolvimento do filho. Uma dessas famílias sinalizava como estratégias o uso de pedaços de papel recortado para que a criança escrevesse as letras, insistindo em afirmar que o importante era que a criança aprendesse a ler e escrever, deixando de levar em consideração ou desvalorizando os demais componentes curriculares.

Depois de ouvirmos por diversas vezes o mesmo relato e, até mesmo após nossa reunião, vimos que o diálogo com essa família em questão parecia ter tido um efeito positivo, realizando de fato o que almejávamos que é alcançar a criança em tempos de educação remota.

Tivemos alguns retornos positivos, o que nos deixou muito satisfeitas e entusiasmadas. Para nossa surpresa, foi possível constatar que o quadro clínico de alguns alunos vem sendo aprimorado a cada dia, nos diversos comportamentos. Os não verbais, com o contato visual, e os verbais, com o aumento de vocabulário, foram perceptíveis, assim como uma melhora na coordenação motora fina. Com o aprimoramento do movimento de pinça, a escrita fica mais firme e legível.

Nessa nova tarefa de ensinar remotamente, acabamos de preparar o próximo material a ser trabalhado, o MAP5, no qual colocamos muitas expectativas de avanço dos alunos e retorno das famílias, pois só com esse retorno poderemos avançar com a aprendizagem das crianças. Afinal, o desejo é um só, a aprendizagem!

Equipe de multiplicadoras: Ana Luiza Romualdo Coelho, Janaina Cássia Guedes Elias, Mônica Cristina Vilaça e Sandra Regina Dias de Melo Soares.

1.2. Construção e execução do Plano de Ação

A construção do Plano de Ação e sua execução foi uma das tarefas propostas para todas as 15 escolas inscritas no Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva. Considerando o cenário pandêmico, as orientações e desafios eram justamente pensar em ações que considerassem a realidade de cada escola e que contemplassem o contexto do ensino remoto.

Para pensar os projetos de intervenção, as escolas realizaram reuniões com a comunidade escolar (grupos focais), com a equipe de multiplicadores e com as tutoras do programa de formação para, a partir das discussões com os grupos focais, elencarem as prioridades e em quais dessas conseguiriam incidir de forma mais efetiva.

A construção do Plano de Ação e sua execução foi uma das tarefas propostas para todas as 15 escolas inscritas no Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva. Considerando o cenário pandêmico, as orientações e desafios eram justamente pensar em ações que considerassem a realidade de cada escola e que contemplassem o contexto do ensino remoto.

Para pensar os projetos de intervenção, as escolas realizaram reuniões com a comunidade escolar (grupos focais), com a equipe de multiplicadores e com as tutoras do programa de formação para, a partir das discussões com os grupos focais, elencarem as prioridades e em quais dessas conseguiriam incidir de forma mais efetiva.

Considerando questões tais como:

- Esse projeto de intervenção condiz com a realidade da sua escola?
- Ele é passível de ser executado?
- A ideia visa o trabalho coletivo e transdisciplinar envolvendo, de forma participativa, vários segmentos da equipe escolar?
- Levando em consideração o contexto da pandemia, o projeto é viável para o formato remoto/híbrido e fortaleceria discussões sobre inclusão?
- Através desse projeto, vocês poderão multiplicar e fomentar a discussão sobre Educação Especial e as práticas inclusivas entre a comunidade escolar como um todo?

Todas as equipes construíram seus projetos e iniciaram suas ações nas suas unidades escolares e os resultados alcançados foram os mais diversos e surpreendentes. A seguir, compartilharemos os planos de ação e resultados de quatro escolas da rede municipal de Congonhas.

PROJETO “O PODER DA EDUC(AÇÃO) TRANSFORMADORA E INCLUSIVA”

Nome da escola:

EM João Narciso

Componentes da equipe de multiplicação:

Andreia Adriana Lucas de Oliveira (professora de apoio), Denise da Silva Assunção Lobo (professora regente), Ivana Beatriz Soares Maia Borges (pedagoga), Rosângela Rodrigues Oliveira Pinto (professora de AEE) e Rosilene de Faria Carvalho (professora regente).

Objetivos:

O projeto consiste na produção de um conjunto de materiais midiáticos com intuito de sensibilizar e mobilizar a comunidade escolar sobre o poder de se promover uma educação que seja efetivamente para todos, produzindo e compartilhando materiais informativos acerca da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

Desenvolvimento:

O projeto prevê a criação de variadas peças midiáticas, entre elas: uma paródia sobre inclusão para ser enviada às/aos estudantes e que, a partir dela, se derivará uma atividade; um canal no YouTube, onde iremos publicar, semanalmente, vídeos curtos informativos sobre Educação Especial e motivacionais, autorais ou repostados de outros canais, para serem compartilhados também via WhatsApp para a comunidade escolar; uma revista em quadrinhos informativa sobre a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva para ser distribuída a toda a comunidade escolar.

Para marcar o encerramento do projeto, iremos realizar um evento online, via YouTube, para toda a comunidade escolar, onde iremos apresentar os resultados do projeto além de uma conversa entre especialistas sobre o poder da educação transformadora e inclusiva.

PLANO DE AÇÃO

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Composição, gravação e distribuição de paródia 'Diga não ao preconceito'	Professora de AEE	Maior	Estudantes	Instrumentos musicais, gravador e WhatsApp	A paródia foi escrita e gravada pela professora de AEE e compartilhada para os estudantes pelos grupos de WhatsApp como abertura do projeto. A paródia já era uma ferramenta utilizada pela professora, para ensinar conteúdos como a tabuada. Agora, com o tema inclusão, os retornos foram bastante positivos e as crianças amaram ouvir o áudio e cantar acompanhando pela letra que foi postada no grupo de aulas remotas (WhatsApp) e cantaram também em suas casas. A partir dessa paródia, a professora Rosângela, recebeu um convite para compor uma nova paródia sobre Educação Inclusiva para a rede municipal de educação de Ouro Preto.
Elaboração de atividade sobre inclusão	Equipe de multiplicadoras e professoras regentes	Junho	Estudantes	Google Forms, curta metragem sobre inclusão e, paródia 'Diga não ao preconceito' e WhatsApp	Criamos um Google Forms com atividades para que os alunos realizassem a partir da paródia e outros materiais de audiovisual com o tema inclusão. Além de responder às perguntas no Google Forms, as crianças confeccionaram desenhos sobre o tema.

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Criação do canal no YouTube	Professora de AEE	Julho	Estudantes	YouTube e produção de peças gráficas	<p>O canal foi criado pela professora Rosângela que ficou com a tarefa de cuidar das publicações, selecionar e criar vídeos curtos com temas sugeridos e discutidos pela equipe escolar para serem produzidos e postados no canal.. Para acompanhar o canal acesse:</p> <p>https://bit.ly/3uKpISB</p>
Curadoria e produção de vídeos curtos, informativos e motivacionais postados no canal do YouTube	Equipe de multiplicadoras	Ao longo de todo o projeto	Comunidade escolar	YouTube, programas de edição, WhatsApp	<p>Compartilhamos vídeos de especialistas da área, além de vídeos de nossa própria autoria. A cada nova postagem o canal, compartilhamos o link nos canais de comunicação virtual da comunidade escolar.</p> <p>A participação e comentários têm sido um retorno positivo. O canal conta, até o momento, com 63 inscritos e o vídeo autoral "Leia para uma criança" alcançou 131 visualizações.</p>

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
<p>Produção de conteúdo e elaboração gráfica, impressão e distribuição de informativo no formato de revista em quadrinhos.</p>	<p>Equipe de multiplicadoras</p>	<p>Ao longo de todo o projeto</p>	<p>Comunidade escolar</p>	<p>Produção gráfica, computador, papel e impressora</p>	<p>O roteiro do informativo é criado pela professora de AEE e as outras componentes da equipe fazem a avaliação do conteúdo. Contamos ainda com a parceria de outros profissionais da escola para revisão textual e a edição gráfica é feita por um voluntário parceiro da escola. Após aprovação geral, o material é disponibilizado em PDF no formato digital e algumas edições são impressas para alunos público alvo da educação especial para serem enviados junto com os MAPs. A primeira edição foi um sucesso! Tivemos vários retornos com fotos e vídeos dos nossos estudantes lendo o material.</p>
<p>Convidar especialista na área para a live</p>	<p>Professora de AEE e pedagoga.</p>	<p>Setembro</p>	<p>EM Zuleika Halfeld de Albuquerque e direção</p>	<p>WhatsApp</p>	<p>Em conversa entre a equipe de multiplicadoras, optamos por convidar a especialista Lucilene Cristiane Silva, Supervisora Pedagógica da EM Zuleika Halfeld de Albuquerque.</p>
<p>Elaboração do convite para palestra</p>	<p>Equipe de multiplicadoras</p>	<p>Setembro</p>		<p>Computador, produção gráfica e WhatsApp</p>	<p>O convite foi distribuído apenas no formato digital pelas redes sociais e wpp dos grupos escolares para divulgação do tema, dia, palestrante e plataforma a ser realizada.</p>

REGISTROS DO PROJETO

“O PODER DA EDUC(AÇÃO) TRANSFORMADORA E INCLUSIVA”

Capas de duas edições da revista em quadrinhos do projeto.



Convite digital para especialista presidir palestra online.

PROJETO
O PODER DA EDUC(AÇÃO) TRANSFORMADORA E INCLUSIVA
A E.M. "João Narciso" em parceria com a Agência de Iniciações "Cidades e a Fundação Vale" vem por meio deste convidar

Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis
Pedagoga

para presidir a 1ª Live:
"O Poder da Educação Transformadora e Inclusiva"
a ser realizado dia 23/09/2021 às 19h.
O evento será transmitido via "Zoom Tube".



FORA PRECONCEITO!



Páginas da 1ª edição da revista em quadrinhos.

Desenho feito por estudante com o tema do projeto.

REGISTROS DO PROJETO

“O PODER DA EDUC(AÇÃO) TRANSFORMADORA E INCLUSIVA”



Página inicial do YouTube do projeto.



Convite digital para *live* de encerramento do projeto.



Live de encerramento do projeto.

CONHEÇA MAIS SOBRE O PROJETO

“O poder da educ(ação) transformadora e inclusiva”

EM João Narciso

Paródia “Diga não ao preconceito”

bit.ly/3EeJc0A

Vídeo “Leia para uma criança”

bit.ly/3EevAT3

Revista em quadrinhos - Projeto O poder da educ(ação) transformadora e inclusiva -

1º edição: O que é SRM?

bit.ly/2YV2esl

Revista em quadrinhos - Projeto O poder da educ(ação) transformadora e inclusiva -

2º edição: O que é PPP?

bit.ly/3hAwBLp

Revista em quadrinhos - Projeto O poder da educ(ação) transformadora e inclusiva –

Edição Especial: Sarau

bit.ly/3C912QP

PROJETO “FORMAS DE ACESSIBILIDADE”

Nome da escola

EM José Cardoso Osório

Componentes da equipe de multiplicação:

Ana Cristina Godoy Meireles da Costa (diretora), Bianca Augusta Fonseca Maia (professora regente), Regiane Aline da Silva Esteves (professora de apoio) e Vânia Helena de Souza Moreira (professora de AEE).

Objetivos

Promover ações para a acessibilidade e inclusão na escola para crianças com deficiência e, assim, impelir e conscientizar a comunidade sobre valores inclusivos.

Desenvolvimento:

A primeira ação a ser executada será a formulação e distribuição de um questionário relacionado à acessibilidade, com intuito de avaliar a visão da comunidade acerca

do tema, bem como levantar problemas descritos pelos próprios pesquisados, tentando identificar, assim, questões de acessibilidade que podem estar ligadas a materiais pedagógicos ou infraestrutura que resultem em dificuldades no acesso à aprendizagem, a fim de implementar alterações e adaptações arquitetônicas na escola.

A partir das respostas coletadas, iremos promover uma live em nosso Instagram, com objetivo de trazer uma reflexão sobre as atitudes e paradigmas, rompendo as barreiras do preconceito e da discriminação.

Esses resultados irão também favorecer na elaboração de novas metodologias e técnicas de estudo na escola além de desenvolvimento de recursos adaptativos que favoreçam a aprendizagem.

PLANO DE AÇÃO

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Elaboração de questionário sobre acessibilidade	Equipe de multiplicadoras	Junho		Google Forms	Para nos inspirar, buscamos outros modelos de pesquisa de opinião sobre o tema acessibilidade na internet e estudamos documentos e legislações tais como: Lei de Inclusão de Pessoa com Deficiência, Lei Federal de Acessibilidade, Manual de Acessibilidade Espacial para Escolas do MEC.
Reunião com representante da SEMED para verificação de dados que já existem acerca da acessibilidade nas escolas da rede	Equipe de multiplicadoras	Junho	SEMED	Telefone e e-mail	Nesta reunião, tentamos mapear qual o nível de acessibilidade que as escolas da rede já têm, quais são os maiores desafios e os tipos diferentes de acessibilidade, considerando tanto infraestrutura quanto adaptações pedagógicas.
Distribuição de questionário sobre acessibilidade	Equipe de multiplicadoras	Junho	Comunidade escolar	Google Forms e WhatsApp	A distribuição foi feita através dos grupos de WhatsApp da escola.

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Coleta e sistematização de respostas do questionário sobre acessibilidade	Equipe de multiplicadoras	Agosto		Google Forms	Ao todo, conseguimos apenas 20 respostas. No entanto, essa escuta da comunidade foi muito válida, tanto para parametrizarmos a visão de cada um dos respondentes sobre uma escola acessível, entender quais são os anseios de uma parcela da nossa comunidade e focar no que era preciso enquanto movimento de conscientização.
Organização e divulgação de <i>live</i> - Roda de Conversa: Acessibilidade na escola	Equipe de multiplicadoras	Agosto	Comunidade escolar	Produção gráfica, Instagram e WhatsApp	Divulgamos o evento através do Instagram e nos grupos de WhatsApp da escola.
Realização de <i>live</i> - Roda de Conversa: Acessibilidade na escola	Mediadora: Vânia Helena (Professora de AEE); Convidadas: Marjore Soares e Tatiana Seabra (APAE)	Agosto	Comunidade escolar		O encontro foi extremamente rico, com a mediadora direcionando perguntas para as especialistas que as respondiam baseado nas suas experiências de trabalho. Tivemos uma participação bastante relevante, com várias pessoas, não só da comunidade escolar, mas da rede como um todo, entrando e fazendo comentários. Nem vimos a hora passar e o encontro deixou um gostinho de 'quero mais'.

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Sinalização da escola em Braille	Equipe de multiplicadoras	Agosto	Comunidade escolar	Materiais de papelaria	<p>As placas foram construídas para auxiliar na mobilidade do ambiente escolar e também difundir a linguagem em Braille.</p> <p>Elas foram confeccionadas de acordo com o pedido de uma estudante que possui perda de visão degenerativa. Assim, a aluna conhece as cores e sua cor preferida dela é o vermelho, por isso, optamos por utilizar ela.</p>

REGISTROS DO PROJETO

“FORMAS DE ACESSIBILIDADE”



Questionário sobre acessibilidade enviado para a comunidade escolar.



Live – Roda de conversa: acessibilidade na escola.

REGISTROS DO PROJETO

“FORMAS DE ACESSIBILIDADE”



Encontro da equipe de multiplicadoras para construção de placas de sinalização em Braille.

Mediadora:
Vânia Helena Moreira

Com Marjorie Soares Gama e
Tatiana Seabra

**Roda de conversa:
Acessibilidade na
Escola!**

Convite para *live* - Roda de conversa: acessibilidade na escola.

PROJETO “MURAL DA DIVERSIDADE”

Nome da escola

EM Maria Augusta Monteiro

Componentes da equipe de multiplicação:

Ana Lúcia Vieira Monlevade (professora de apoio), Nadja Valeska Martins (vice-diretora) e Simone Santana Silva Gonçalves (professora regente).

Objetivos

Sensibilizar toda a comunidade escolar sobre a importância da inclusão: porque e para que incluir, através de capacitação com a equipe escolar e realização de atividade interdisciplinar com os estudantes sobre o tema da diversidade que irá culminar em uma exposição na escola de um “Mural da Diversidade”.

Desenvolvimento:

Para iniciar o projeto, iremos realizar uma reunião com os professores da equipe, apresentando a proposta de ações e sensibilizando-os sobre a importância do fortalecimento da Educação Inclusiva com intuito de aprimorar

o olhar desses profissionais sobre os estudantes que são o público-alvo do AEE. Nessa reunião, iremos alinhar os papéis dentro do projeto, uma vez que ficará a cargo das regentes de cada turma trabalhar o tema da diversidade com suas/seus estudantes, contando para isso com o apoio da professora de AEE da escola.

A partir das atividades desenvolvidas com os estudantes em cada turma, iremos enviar, junto com os MAPs, uma ficha com orientações para que eles façam um autorretrato que, posteriormente, irá formar o mural da diversidade da escola. Encerraremos as ações do projeto com uma capacitação para a equipe escolar, focada em desenvolver seu olhar sobre a autonomia dos estudantes público alvo do AEE. Com essa capacitação pretendemos promover um alinhamento quanto à atuação de todos os funcionários da escola de forma condizente com o que se espera da Educação Inclusiva, levando em consideração a especificidade de cada estudante.

PLANO DE AÇÃO

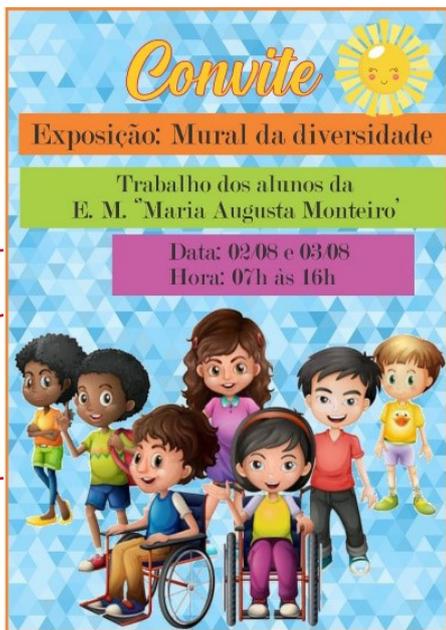
AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Enviar ofício para o NAE solicitando um profissional para que promova uma capacitação para a comunidade escolar sobre autonomia de alunos público alvo do AEE	Vice-diretora	Maio	NAE	Telefone	Buscando formas para fazer a capacitação acontecer, optamos pela gravação de um vídeo com a fala da terapeuta ocupacional do NAE, Giovanna Scofield.
Reunião com professores para apresentação da proposta do projeto e alinhamento de tarefas	Professora de apoio e professora regente	Maio	Professores regentes	Plataforma de videoconferência	A proposta foi bem recebida e as professoras regentes ficaram animadas com o planejamento das atividades.
Realização de atividades interdisciplinares com as turmas	Equipe de multiplicadoras e professoras regentes	Junho	Estudantes	Plataforma de videoconferência, materiais de audiovisual e WhatsApp.	As professoras regentes de cada turma ficaram responsáveis por realizar atividades sobre o tema diversidade com seus estudantes. Além disso, em um sábado letivo, realizamos uma atividade integradora com os estudantes. Nela, fizemos rodas de conversa e passamos curtas-metragens relacionados ao tema.

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
<p>Captação de recursos, produção e distribuição de ficha para desenhos do mural</p>	<p>Equipe de multiplicadoras</p>	<p>Junho</p>	<p>Estudantes</p>	<p>Papel e impressora</p>	<p>Produzimos uma ficha que foi enviada junto com o MAPs com orientações para que os estudantes fizessem desenhos de si.</p>
<p>Coleta e organização de desenhos para o Mural da Diversidade</p>	<p>Equipe de multiplicadoras e professoras regentes</p>	<p>Julho</p>	<p>Estudantes</p>		<p>Ficamos bastante encantadas com o retorno dos alunos, tanto pela quantidade, quanto pela qualidade. O retorno das atividades em tempos de ensino remoto é sempre um ponto delicado, mas nessa atividade especificamente, nos surpreendemos e a participação deles foi um ponto positivo do nosso projeto.</p>

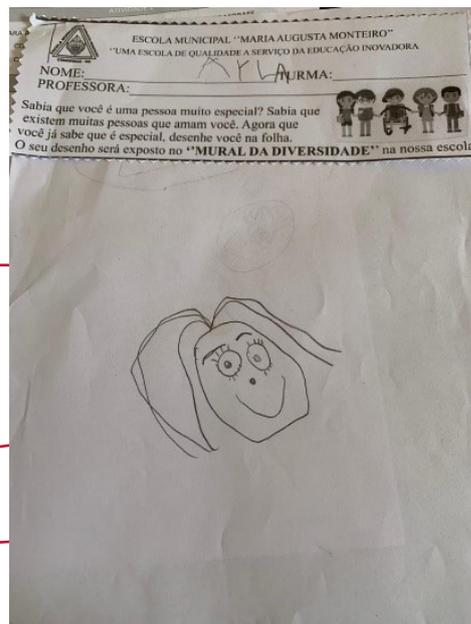
AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
<p>Produção da exposição do Mural da Diversidade e mobilização da comunidade</p>	<p>Equipe de multiplicadoras</p>	<p>Agosto</p>	<p>Comunidade escolar</p>	<p>Produção gráfica e materiais de papelaria</p>	<p>Nossa exposição aconteceu de forma presencial, seguindo as regras de distanciamento e segurança sanitária, nos dias 02 e 03 de agosto, no contexto da entrega dos MAPs.</p> <p>E a nossa escola ficou como a gente não via há muito tempo: com cara de escola, com o trabalho dos estudantes enfeitando e dando vida. Foi gostoso de ver!</p>
<p>Capacitação da equipe escolar com o tema “Autonomia e independência dos estudantes público alvo do AEE”</p>	<p>Equipe de multiplicadoras e diretora</p>	<p>Agosto</p>	<p>Equipe escolar</p>	<p>Computador</p>	<p>Em uma reunião presencial com a equipe, e respeitando as regras de distanciamento e segurança sanitária, projetamos o vídeo produzido pela especialista Giovanna Scofield, a nosso pedido. O objetivo dessa capacitação foi trazer para os funcionários informações sobre a importância de se desenvolver a autonomia de todos os estudantes, incluindo os estudantes público alvo do AEE. O vídeo foi um disparador para debates e construções conjuntas da equipe</p>

REGISTROS DO PROJETO

“MURAL DA DIVERSIDADE”



Convite para exposição: Mural da Diversidade.



Ficha para coleta de desenhos para o Mural da Diversidade.

REGISTROS DO PROJETO

“MURAL DA DIVERSIDADE”



Mural da Diversidade.



Mural da Diversidade.



Capacitação da equipe escolar com o tema “Autonomia e independência dos estudantes público alvo do AEE”.



Capacitação da equipe escolar com o tema “Autonomia e independência dos estudantes público alvo do AEE”.

PROJETO “METAMORFOSE”

Nome da escola

EM Nossa Senhora D'Ajuda

Componentes da equipe de multiplicação:

Celina Bárbara dos Santos (diretora), Eliane Aparecida Lobo Pinto (professora de apoio), Maria de Fátima Ferreira Fonseca (professora regente), Roseli Caixeta Martins Cordeiro (professora de AEE).

Objetivos

Sensibilizar a comunidade escolar e do entorno da escola sobre o tema da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva e propor um novo olhar sobre a inclusão, informando como ela acontece na escola e na educação em Congonhas, através de ações tais como: palestra, distribuição de folder informativo e a realização de um concurso de frases e desenhos a ser realizado junto aos estudantes e suas famílias.

Desenvolvimento:

Iniciaremos as ações com uma palestra para toda a comunidade escolar sobre o tema Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Durante o evento, iremos apresentar a proposta do projeto Metamorfose.

Marcando o lançamento do concurso, iremos produzir dois materiais de informação e divulgação do projeto. Serão cartazes em formato A3 que serão colados em pontos estratégicos do bairro onde a escola está inserida e folders informativos, que serão entregues junto com o Material de Apoio Pedagógico (MAP), com conteúdo sobre inclusão e dicas culturais acerca do tema. Nessa mesma entrega, iremos enviar o regulamento do concurso de frases e desenhos com foco nos estudantes e famílias. As produções vencedoras serão expostas em uma faixa na faixa da escola.

Para sensibilizar os estudantes, ao longo dos meses do projeto, professoras regentes em colaboração com a professora de AEE e a pedagoga, irão enviar materiais (entre vídeos, curtas-metragens e atividades) sobre o tema do projeto e trabalha-los com suas turmas.

PLANO DE AÇÃO

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Reunião de apresentação das atividades do projeto para equipe escolar.	Diretora, pedagoga e professora de AEE	Maio	Equipe escolar	Plataforma de videoconferência	Durante a reunião, foi alinhado como as ações se dariam e qual era o papel de cada um da equipe no projeto. As professoras regentes ficaram responsáveis por propor atividades as suas turmas ligadas ao tema. Essas atividades foram produzidas de forma colaborativa com a professora de AEE e a pedagoga da escola.
Convide a um especialista e agendamento de palestra.	Profa. AEE	Maio	APAE	WhatsApp	Fizemos contato com a direção da APAE e convidamos as especialistas Tatiana Seabra e Marjore Soares para serem as palestrantes do evento que ficou marcado para o dia 23 de junho, através do Google Meet.
Planejamento e produção de regulamento para concurso de desenhos e frases.	Equipe de multiplicadoras, pedagoga	Maio	Direção		Antes de começar a divulgação, produzimos um regulamento detalhado com todos os direcionamentos, datas e regras do concurso. Além disso, orçamos os custos referentes a premiação, produção de faixa e impressão de material de divulgação.

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Realização de palestra.	Equipe de multiplicadoras, pedagoga. Convidadas: Tatiana Seabra (APAE) e Marjorie Soares (APAE)	Junho	Equipe escolar	Plataforma de videoconferência	A palestra aconteceu no contexto de uma reunião com as famílias e foi muito gratificante. A pedagoga abriu o encontro apresentando um pouco sobre o projeto Metamorfose e cedeu a palavra para as especialistas que, de forma muito didática e afetiva, contaram um pouco sobre o trabalho com estudantes com deficiência e das potenciais e os desafios para a inclusão na educação básica.
Produção do conteúdo, diagramação, impressão e distribuição dos cartazes de divulgação do projeto.	Equipe de multiplicadoras, pedagoga e laboratorista	Junho	Comunidade escolar e do entorno da escola	Computador para criação gráfica, papel e impressora	Realizamos uma reunião entre os responsáveis para construir o cartaz. Depois de pronto, colamos em locais estratégicos do bairro, tais como: padaria, unidade de atenção à saúde e porta da escola.
Produção do conteúdo, diagramação, impressão e distribuição folder informativo.	Equipe de multiplicadoras, pedagoga e laboratorista	Junho	Equipe escolar	Computador para criação gráfica, papel e impressora	Realizamos uma reunião entre os responsáveis para construir o folder. Depois de prontos, distribuímos o material junto com os MAPs que é entregue a todos os estudantes.

AÇÃO	RESPONSÁVEL	DATA	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	RECURSOS	DESCRIÇÃO SOBRE A AÇÃO
Realização de atividades de atividades por turma com enfoque no tema do projeto.	Pedagoga, professora de AEE e professoras regentes	Junho	Estudantes e famílias	Produções audiovisuais, materiais de papelaria e WhatsApp	Professores regentes realizaram trabalhos com seus alunos sobre o Projeto Metamorfose. Recebemos muitos retornos dos estudantes e famílias.
Lançamento do concurso de frases e desenho.	Equipe de multiplicadoras e pedagoga	Julho	Comunidade escolar	Papel	Lançamos o concurso conforme os prazos previstos no regulamento e as professoras regentes de cada turma ficaram responsáveis por acompanhar e selecionar os trabalhos para a competição.
Recebimento das frases e desenhos do concurso.	Equipe de multiplicadoras e pedagoga	Agosto	Comunidade escolar		Recebemos cerca de 28 trabalhos dos estudantes. Uma comissão julgadora ficou a cargo do grande desafio de escolher quais seriam os vencedores de cada categoria.
Divulgação da frase e do desenho vencedores com premiação.	Equipe de multiplicadoras e pedagoga	Agosto	Equipe escolar, estudantes e famílias	WhatsApp, presentes para premiação	Divulgamos o resultado do concurso nos grupos de WhatsApp e realizamos um pequeno evento de premiação, seguindo as regras de distanciamento e segurança sanitária. As professoras dos estudantes vencedores também foram presenteadas.
Produção e exposição de uma faixa com as produções vencedoras.	Equipe de multiplicadoras e pedagoga	Setembro	Comunidade escolar e do entorno	Computador para produção gráfica e faixa	A faixa foi fixada na faixa da escola e ficará lá por três meses.

REGISTROS DO PROJETO

“METAMORFOSE”



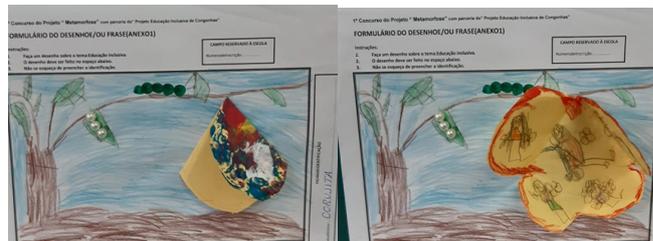
Lembrancinhas entregues a comunidade escolar.



Estudante Valentina Rodrigues de Lima Silva, do 1º período, vencedora do concurso na categoria Desenho.



Estudante Enzo Dornelas Santana, do 1º ano, vencedor do concurso na categoria Frase.



Formulário do concurso com desenho vencedor.

REGISTROS DO PROJETO

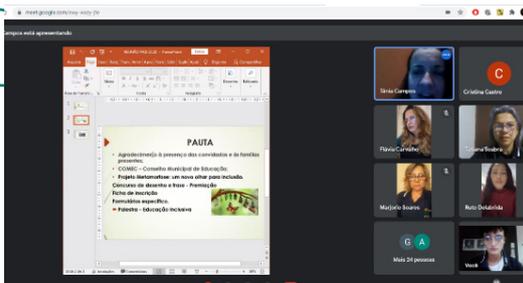
“METAMORFOSE”



Cartaz de divulgação do projeto exposto na padaria do bairro.



Trabalho feito para o projeto por estudante.



Palestra de lançamento do projeto.



Folders de divulgação do projeto.



REGISTROS DO PROJETO

“METAMORFOSE”



Trabalho feito para o projeto por estudante.



Trabalho feito para o projeto por estudante.



Cartaz de divulgação do projeto exposto na faixa da escola.



Faixa com desenho e frase vencedores exposta na faixa da escola.





PARA SABER MAIS...

Para saber mais sobre temas ligados à Educação Inclusiva, acesse as fontes de pesquisa indicadas abaixo:

Trabalho com as famílias

A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva:

bit.ly/3AbukO7

Novos rumos para o trabalho com famílias: bit.ly/3949gNH

PDI

Plano de Desenvolvimento Individual para o Atendimento Educacional Especializado: bit.ly/2VKKUFE

Diagnóstico e Intervenção

Diagnóstico – intervenção – perspectivas. Atuação da escola inclusiva: bit.ly/3kb9cSE

AEE no ensino remoto

AEE à distância - Atividades práticas para os alunos na quarentena: bit.ly/3lptOWz

Compartilhando saberes: bit.ly/3k874Lc

Como promover a aprendizagem ativa durante a quarentena: bit.ly/3nuWOPm

Práticas Inclusivas

Portas abertas para a inclusão – educação física inclusiva:

bit.ly/3C6ZUwW

Materiais pedagógicos acessíveis: bit.ly/3hzQLFj

Legislações e normas:

Lei de Inclusão de Pessoa com deficiência 13.146/2015:

bit.ly/3EfpfGV

Lei Federal de Acessibilidade 10.098/2000:

bit.ly/3nxhbmB

Manual de Acessibilidade Espacial para Escolas do MEC:

bit.ly/3lmus7f

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO...

O que aprendi de novo até agora?

'Como é a atuação da professora da sala de recursos multifuncionais; Que a inclusão é assunto que deve ser tratado com mais atenção e cuidado e que deve ser discutido com mais frequência em todos os segmentos da sociedade e não só na comunidade escolar, pois não deve se restringir à família e a escola somente.' **Elaine Beatriz Gomes de Lima Santos, diretora da EM Lucas Estevão Monteiro.**

'Aprendemos que inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão dependentes e terão uma vida cidadã pela metade. A nossa busca é justamente para garantir esse direito a todos.' **Equipe de multiplicadoras da EM Conceição Lima Guimarães.**

'A formação me proporciona conhecer um pouco melhor a escola Rosália Andrade e compreender a sua realidade tanto em pontos positivos quanto em pontos negativos. Por ser contratada e ser a minha primeira vez na escola, foi de grande importância para desenvolver melhor meu trabalho.'

Lorena Cristina Santos, profa. de apoio da EM Rosália Andrade da Glória.



Que ideias tive para melhorar ainda mais minha atuação?

'Se possível continuar trabalhando com o Plano de ação quando as aulas presenciais voltarem para a modalidade presencial.' **Andrea Cristina Silva Lobo Oliveira, profa. de AEE da EM José Monteiro de Castro.**

'Uma confirmação da importância do trabalho de parcerias família x escola.' **Eci Maria Cordeiro Rezendes, profa. de AEE da CEMEI Pingo de Gente.**

'Como não trabalho como professora de apoio, nem SRM, o curso me fez pensar em como identificar as dificuldades dos alunos e a importância de atividades que ajudem a superá-la.' **Simone Santana Silva Gonçalves, profa. regente da EM Maria Augusta Monteiro.**

O que ainda quero aprender/aprimorar?

'Acho necessário aprender e aprimorar sempre, pois tudo muda ao longo do tempo, as pessoas mudam, umas saem, outras chegam, às vezes acertamos, as vezes não e, mesmo quando dá certo, podemos melhorar.' **Bianca Augusta Fonseca Maia, profa. regente da EM José Cardoso Osório.**

'Gostaria de aprimorar os conteúdos sobre cada deficiência que encontramos na escola. A fim de conseguir atender as necessidades e especificidades de cada um dos nossos alunos de inclusão.' **Lorena Cristina Santos, profa. de apoio da EM Rosália Andrade da Glória.**

Registros, anotações e intervenções que marcaram essa etapa.

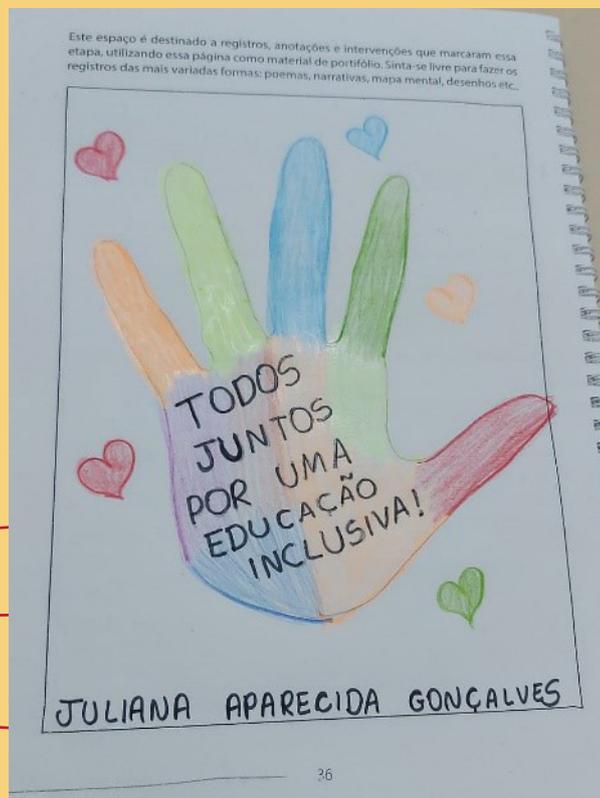
Avesso

(Rosean Murray)

*'Quem sou eu
E meu avesso?
Que urdiduras
Na sombra,
Que tramas secretas
Num quarto escuro
De mim?
Quem sou eu
Quando durmo
Ou quando
De olhos abertos
Me arremesso
Para o futuro.'*

**Carla Regina Guerra Santana, profa. regente da EM
José Monteiro de Castro.**

'Penso que essa formação me tornará mais atenta aos problemas vivenciados pelos pais dos alunos com deficiência, pelas professoras que ensinam esses alunos e por todos que fazem parte desse processo de inclusão na escola. Confesso que estou com um novo olhar para a causa após iniciar essa formação. Digamos que um olhar mais atencioso e até mais solidário. Quero poder ser, mesmo que seja um grão de areia, mais um pontinho positivo na convergência de forças para uma melhoria, um fortalecimento do contexto da inclusão na Educação de Congonhas.' **Elaine Beatriz Gomes de Lima Santos, diretora da EM Lucas Estevão Monteiro.**



Juliana Aparecida Gonçalves, profa. regente da CEMEI Pingo de Gente.



2. CONSTRUINDO UM ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é uma forma de, a partir da experiência vivida, provocar reflexões e de se colocar em situações que envolvam tomada de decisões. Para o campo educacional, é um excelente instrumento que vem sendo utilizado em formação continuada de docentes, justamente por seu caráter aplicado, ao estudar situações reais para, a partir delas, pensar ações e construir um conhecimento baseado na troca de experiências.

Visando fomentar no programa de formação um ambiente de troca de experiências entre as escolas da Rede Municipal de Educação de Congonhas, outra tarefa da formação foi propor as escolas que narrassem suas experiências com a Educação Especial. Posteriormente tais experiências seriam trocadas entre as escolas para que a partir do olhar do outro cada escola pudesse construir um estudo de caso e propor um projeto de intervenção. Vale ressaltar que as narrativas construídas pelas escolas foram escritas descaracterizando tanto o nome da escola, quanto dos personagens, trazendo apenas um fato cotidiano.

2.1. Relato de prática

O relato de prática foi proposto com objetivo de que cada escola compartilhasse uma narrativa sobre a experiência com a Educação Inclusiva e, a partir dessa escrita, repensasse as suas ações e práticas entendendo que é com a troca de experiências que o aprendizado acontece, considerando que todos nós aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo, enquanto narramos e ouvimos as experiências umas/uns dos outros.

A cada narrativa compartilhada pelas escolas era possível perceber a potência da rede de Congonhas na atuação com a Educação Inclusiva. Era possível perceber o compromisso, a dedicação e a busca em entregar um ensino de qualidade e uma educação transformadora para as crianças. Separamos a seguir dois relatos de práticas para inspirar outras ações educativas transformadoras.

Relato 1 – EM Engenheiro Oscar Weinschenck

(Junho de 2021)

Equipe de Multiplicadoras: Maria Erivânia Batista de Sousa, Indiamara Gabriel Costa Souza, Elizabeth do Carmo Cordeiro da Silva e Regiana Luiza Gonçalves.

Luíza, uma história de superação

A escola João Fernandes (nome fictício) é uma tradicional instituição de ensino de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. Por se localizar na área central, foi reconstruída após anos de existência com uma arquitetura moderna, espaço físico para receber uma grande demanda de estudantes e acessibilidade para atender também alunos com deficiência física.

Por esse motivo, recebeu no ano de 2009 alunos encaminhados de uma escola de ensino especial. Entre eles, destacamos o caso de Luíza (nome fictício).

Luíza tinha múltiplas deficiências. Um diagnóstico de quadriplegia atetóide caracterizada por tônus flutuante e movimentos incoordenados decorrentes de paralisia cerebral. Apresentava dificuldades na coordenação motora ampla e fina, dificuldades na fala e na locomoção. Porém, seu desenvolvimento cognitivo era preservado.

A primeira professora de Luíza na escola especial, disse que recebeu a menina ainda bebê com várias limitações. Chorava muito ao ser estimulada e só se acalmava quando era levada para ver a horta da escola. Após anos de acompanhamento e cuidados, com muito empenho da família e atuação de diversos profissionais, tais como fisioterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas

ocupacionais, psicopedagogos, neuropediatras e outros, Luíza, aos 7 anos, com um quadro evolutivo satisfatório, foi encaminhada à escola regular para cursar o primeiro ano do Ensino Fundamental. Ficou decidido junto ao núcleo psicopedagógico do município, à escola especial e aos familiares que a aluna continuaria seus atendimentos especializados, porém, faria parte do corpo discente de uma escola regular devido à necessidade e ao direito à inserção social e acadêmica com outras crianças e profissionais.

Sendo assim, Luíza foi então matriculada na escola João Fernandes em 2009, para iniciar seu processo de alfabetização no 1º ano, como estudante em uma escola regular de ensino. Começa aí um novo ciclo, um novo desafio para Luíza, seus familiares e também para a escola, que apesar de trabalhar com um projeto político pedagógico engajado à Educação Inclusiva e de ter certa

estrutura física e pedagógica, apresentava algumas carências, como muitas instituições de ensino público.

Quanto à aceitação da aluna, a escola foi bem orientada e se preparou para enfrentar uma possível resistência por parte da comunidade escolar, uma vez que sua deficiência a princípio pudesse causar estranheza e rejeição. De início houve certo receio quanto à sua mobilidade e preocupação com o fato de possível queda devido à fragilidade dos seus movimentos. Com o tempo isso foi sendo superado, uma vez que a própria aluna tinha conhecimento e noção sobre suas limitações físicas. Ela foi muito bem recebida pelos colegas e acolhida por todos, o que possibilitou um bom desenvolvimento no processo de inclusão.

Para a aluna acompanhar as aulas, foi necessária a confecção de uma cadeira sob medida, com um cinto

que a mantivesse com a postura mais firme ao sentar. O próprio pai, com a ajuda de amigos, fez a cadeira.

Para se locomover pela escola, a orientação era que Luíza o fizesse com um acompanhante e naquele período não havia cuidadores. Sendo assim, professores, demais funcionários e até colegas da turma se mobilizavam quando necessário.

A partir da convivência com Luíza na escola, foi observado que para acompanhar as aulas teóricas com mais presteza, seria eficaz o uso de um notebook. Seria, portanto, ingressada no mundo tecnológico, o que há 10 anos não era tão comum em sala de aula, para uma criança de série inicial. O notebook foi doado pela empresa onde a mãe de Luíza trabalhava. A mãe e o pai, aliás, não mediam esforços para acompanhar e atender às necessidades da filha. Sempre presentes, sempre dis-

postos a fazer o que fosse preciso para amenizar tantas limitações.

Luísa seguia sua trajetória escolar e ia se desenvolvendo, apresentando resultados positivos de aprendizagem. Era uma criança muito bem assistida tanto pela família, quanto por toda equipe escolar. E conforme avançava nas séries escolares ia deixando sua marca também nas pessoas que por ela passava, como nos conta Maria, que foi professora de Luíza no terceiro ano do Ensino Fundamental e disse que a aluna foi um dos casos mais marcantes no decorrer da profissão:

Quando cheguei à escola, a diretora me disse que eu seria professora de uma turma onde havia alunos encaminhados por uma escola de ensino especial. Apesar da experiência profissional, confesso que fiquei apreensiva, pois seria meu primeiro trabalho com alunos incluídos, de fato. Contudo, estava determinada em oferecer o meu melhor.

No primeiro dia de aula, uma colega me apresentou às/aos alunos dizendo que havia trabalhado com eles por dois anos seguidos e já os conhecia desde a escola anterior. Daí a necessidade da mudança de professora.

De repente, chega na sala uma menina risonha, amparada pela mãe. Senta numa cadeira diferente, põe um cinto, pede para pegar o notebook na bolsa e, com dificuldades na fala, me pergunta qual seria o assunto da aula. Eu não tinha notebook. E me perguntei: E agora? O que faço?

Ela mesma ligou o aparelho, abriu uma pasta, colocou a data e assim tivemos nossa primeira aula. Fiquei surpresa com tudo aquilo. Era inédito para mim. Porém, vi que nos daríamos muito bem.

Luíza era excelente aluna! Alfabetizada, muito participativa, fazia todas as anotações. Com o tempo fui

aprendendo a lidar com aquela realidade. Adaptava algumas atividades e avaliações que eram entregues em um pen drive para que ela pudesse responder.

Embora eu a estimulasse, ela não gostava muito de desenhar, pintar, colorir e recortar devido à dificuldade motora. Mas nas atividades práticas, eventos escolares, aulas de Educação Física, projetos e brincadeiras no recreio não deixava de participar, pois as mesmas eram adaptadas de acordo com suas necessidades. Após implantação da sala de recursos na escola, no ano de 2011, Luíza passou a ser atendida no contraturno.

Sempre animada, disposta, resolvida, tinha a autoestima bem elevada. Era comunicativa e respeitada por todos. Impressionante ver aquela criança que mal falava se locomovendo desordenadamente e sem medo, se superando a cada dia. Mérito dela, dos seus familiares, ami-

gos e também de todos os profissionais empenhados no êxito do seu desenvolvimento.

Luíza pra mim foi um grande desafio e uma lição de vida profissional e pessoal.

Luíza permaneceu em nossa escola até a finalização de seu ensino fundamental I, quando chegou a hora da menina seguir por outros caminhos formativos. Sendo assim, após concluir o quinto ano, a aluna foi encaminhada para uma escola de Ensino Fundamental II - séries finais, onde receberia o mesmo acompanhamento profissional que pudemos oferecer em nossa escola.

Apesar de Luíza já ter deixado a escola João Fernandes há algum tempo, ainda temos notícias dela. Soubemos que concluiu sua formação básica de ensino, finalizando o 9º ano e ensino médio, e que já entrou para o

mercado de trabalho, atuando como funcionária administrativa de uma grande usina da região.

Passados 12 anos após o caso Luíza, a escola João Fernandes, hoje com uma equipe mais ampla incluindo cuidadores e professores de apoio, continua desenvolvendo seu trabalho com a Educação Inclusiva, tendo profissionais capacitados e envolvidos com a diversidade, na medida em que considera que todos têm direito ao ensino de qualidade.

Relato 2 – EM Michael Pereira de Souza

(Junho de 2021)

Equipe de Multiplicadoras: Aline Cristina Cordeiro, Thays Layla Barbosa Medeiros, Elaine Maria Marques Ribeiro Rezende, Jamile Tatiane Lima Barboza Cruz e Valéria Patrícia Oliveira.

Uma experiência marcante

Nós, da escola Esperança (nome fictício), já recebemos vários alunos de inclusão com especificidades bem diferentes. Podíamos contar várias experiências no nosso “Estudo de Caso”, mas o que mais nos marcou foi a história do aluno J.P (nome fictício) que ingressou na escola em 2016, aos 13 anos, para cursar o 6º ano do Ensino Fundamental I e permaneceu até a conclusão do 9º ano.

O aluno JP tem Paralisia Cerebral (PC). PC é uma disfunção neuromotora. Ela pode gerar vários comprometimentos que afetam a postura, movimentos, funções cognitivas, etc.

Para sermos sinceras, de início, não foi fácil para a comunidade escolar. Ficamos apreensivas, pois nunca havíamos, até então, recebido um aluno com essa deficiência. Eram muitas as inquietações: será que acompanharia a turma? Quais os comprometimentos que essa deficiência o causou? Como seria o acolhimento dos outros alunos?

Após uma leitura mais atenta ao Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI) de JP e por meio de observações da equipe escolar constatamos que ele tinha os membros superiores e inferiores afetados, além de disfunções motoras que interferem na linguagem oral. No

entanto, o aluno não apresentava prejuízos cognitivos significativos.

Como profissionais da educação temos que olhar as potencialidades dos nossos estudantes, não o que lhes falta. E foi isso que nós fizemos! JP não tinha um prejuízo cognitivo significativo, ele podia aprender, utilizando os recursos certos. Ao fazer tais análises, percebemos a necessidade de algumas adaptações. Por exemplo, tivemos que colocá-lo em uma sala de fácil acesso, viabilizando assim a locomoção do mesmo em todos os espaços da escola.

A prefeitura disponibilizou uma professora de apoio que o auxiliava na escrita e uma cuidadora que o ajudava na higiene e alimentação. Atividades mais complexas eram adaptadas pelas professoras tornando-as de fácil compreensão, os textos longos eram resumidos para

facilitar a leitura, expressões numéricas extensas eram desmembradas para JP realizar as contas separadamente, eram realizadas cópias (xerox ou carbono) dos cadernos dos colegas para que o aluno tivesse acesso a todo material de leitura, uma vez que sua condição motora não o permitia escrever. Além disso, foi disponibilizado ao aluno recursos tecnológicos, como calculadora e outros materiais concretos que o auxiliavam na realização das atividades, seus textos eram ampliados e os prazos mais flexíveis.

O maior desafio eram as aulas de Educação Física, mas os professores foram criando propostas de atividades para que ele pudesse participar junto com os colegas de sala. Jogos eram adaptados, por exemplo, a turma realizava atividades como queimada ou voleibol assentados no piso da quadra, nesses momentos, JP se esforçava para realizar o que era proposto com muita

determinação, era perceptível o envolvimento da turma que o ajudava o tempo todo.

Algo que nos marcou foi a alegria do aluno em estar na escola. Vimos em sua expressão que a escola era o lugar que ele queria estar. Todos os profissionais da escola estavam envolvidos e criaram um sentimento de carinho e respeito por ele.

O aluno mora com a mãe e um irmão, o pai mora em outra cidade e mantém pouco contato com JP. No início, sua mãe buscava definir padrões, ditando para a escola como a mesma deveria conduzir a vida escolar de JP, existia muita cobrança por parte da família para que o aluno se desenvolvesse como o restante da turma, a mãe comparava o menor com os outros alunos, queria que ele andasse sozinho e que escrevesse. Aos poucos, a família foi entendendo melhor a deficiência do filho, suas

limitações e capacidades reais, foi crescendo a confiança no trabalho da equipe e isso fez toda a diferença. Todo avanço passou a ser valorizado com gratidão.

Durante o período de 4 anos (6º ano ao 9º ano), JP apresentou vários problemas de saúde, passou por várias intervenções cirúrgicas, precisou utilizar sonda para alimentação, dentre outros procedimentos. Muitas vezes passava mal no ambiente escolar, apresentava convulsões, parada respiratória e precisava ser socorrido com urgência. Toda a equipe escolar não media esforços em socorrê-lo, até os estudantes que manifestavam sempre carinho, respeito e cuidado com o colega. Existia por parte da equipe escolar e dos colegas de turma um sentimento de tristeza e angústia diante dos problemas de saúde enfrentados por JP.

No último ano J. P. não conseguia mais se locomover andando, mas, a alegria e entusiasmo eram os mesmos. Ao descobrir que o sonho do aluno era receber um diploma, a equipe escolar se mobilizou e proporcionou ao mesmo uma formatura ao final do 9º ano, momento de grande emoção para o aluno, a família, colegas e professores.

JP já deixou a escola, mas sua relação com ela e com os professores que passaram por sua vida continuou, foi construída uma bonita amizade e até hoje JP mantém contato com a equipe escolar. Sem dúvidas a passagem do aluno pela nossa escola, provocou reflexões importantes e nos propiciou crescimento com seres humanos. Nos oportunizou um olhar mais empático e amoroso em relação às pessoas com deficiências.



PARA SABER MAIS...

Acesse as fontes de pesquisa indicadas abaixo de acordo com o tema de seu interesse.

Desenvolvimento motor: bit.ly/3zgwFG1

Tecnologia Assistiva:

Dicas para adaptar atividades para alunos com deficiência intelectual: bit.ly/3Cav2f4

Tecnologia assistiva nas escolas -

Recursos básicos de acessibilidade sociodigital para pessoal com deficiência: bit.ly/2YNIXcw

2.2. Construção do Estudo de Caso

Após a escrita e troca dos relatos de práticas entre as escolas, o desdobramento da tarefa era de construir um estudo de caso tomando como base o conteúdo narrado no relato e, a partir dele propor um projeto de intervenção que incidisse sobre os aspectos levantados no estudo do caso.

Exercitar a reflexão e promover um espaço de diálogo entre a equipe de multiplicadores para que juntos pudessem encontrar caminhos para a promoção da Educação Inclusiva foi um dos pontos altos dessa atividade. Pode-se perceber que o atendimento pedagógico à/ao estudante é responsabilidade de toda escola, além disso, compreender que, a partir do diálogo, de forma colaborativa, compartilhando as dúvidas, medos, angústias e experiências, era possível encontrar possibilidades

no coletivo e alcançar melhores resultados.

As Escolas Municipais Lucas Estevão Monteiro e Judith Augusta Ferreira também construíram um projeto de intervenção a partir do estudo de caso e da troca entre a equipe escolar como vemos a seguir.

Estudo de Caso da EM Lucas Estevão Monteiro

Equipe de Multiplicadoras:

Alexandra Geralda Porfirio Vasconcelos, Elaine Beatriz Gomes de Lima Santos, Francisca Cláudia de Jesus Castro e Laura Lúcia Vaz.

O CASO ÁLVARO

A EM Vinícius de Moraes (nome fictício) atende estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, no município de Congonhas MG. No ano de 2019 a turma do 1º período da Educação Infantil era composta por 18 crianças sendo uma com Síndrome de Down.

Álvaro (nome fictício) era uma criança com quatro anos de idade quando chegou à escola, para iniciar os estudos no 1º período da Educação Infantil, com o diagnóstico de Síndrome de Down. O aluno veio transferido de uma escola Municipal onde frequentou o Maternal II. Álvaro chegou como uma criança tímida, desconfiada e mostrava resistência ao entrar e permanecer na escola. Através da família, a escola teve conhecimento que além de frequentar a escola, a criança também fazia acompanhamento com profissionais especializados

nas seguintes áreas: fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia e um médico neuropediatra. Tais acompanhamentos são essenciais para que, junto do trabalho desenvolvido na escola, possamos viabilizar um melhor desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor, de linguagem e outros.

A turma do 1º período era composta por crianças pequenas que em sua maioria nunca haviam frequentado uma escola anteriormente, diferente de Álvaro. Considerando que a Educação Infantil não deve ser pensada apenas como o espaço do cuidar e brincar, mas que estes espaços viabilizam desde cedo que as crianças possam interagir umas com as outras, aprender, se desenvolver, etc., sobretudo quando pensamos na criança com Down, pois o desenvolvimento da pessoa com síndrome de Down conta com o estímulo, incentivo, acompanhamento de profissionais especializados e familiar.

Ao ser matriculado na escola, foi solicitado à família o laudo médico, relatórios de especialistas e o PDI, emitido pela escola anterior, onde o aluno frequentou o maternal. De posse dos documentos solicitados pela Escola, foi realizada uma reunião com a equipe escolar com objetivo de estudar estratégias para receber o aluno.

Chegando à escola, Álvaro foi recebido pela professora regente Maria, a quem ele chamava de tia Maria. Ela iniciou seu trabalho partindo da observação do comportamento de Álvaro na escola e com as outras crianças na sala de aula e em outros espaços da escola. Além da “tia Maria”, a pedagoga, a professora da sala recurso, a direção e demais funcionários da escola também observavam Álvaro e como ele se comportava na escola. Assim, em reunião da equipe escolar, foi solicitada pela professora de Sala Recursos, pela pedagoga e pela professora

regente uma conversa com a família, pois precisavam obter mais informações da história de vida dessa criança.

Diante das informações da família a professora da Sala Recursos Multifuncionais (SRM) iniciou uma avaliação diagnóstica do aluno. Neste período de observação e avaliação, foi percebido que o aluno apresentava dificuldades ligadas à: linguagem oral, coordenação motora, cognitivas, dificuldades de socialização, resistência ao atender regras e normas da escola, autonomia e também dependência na AVD (atividade de vida diária), sendo assim, após tal avaliação, percebemos a necessidade em solicitar o acompanhamento de uma cuidadora para Álvaro.

A professora da SRM, a pedagoga da escola e a professora regente prepararam um material com orientações e estratégias para trabalhar com Álvaro e o compar-

tilharam com o restante da equipe escolar, ressaltando que toda a equipe deveria atuar conjuntamente para atender as necessidades do aluno.

Tendo em vista as dificuldades apresentadas pelo aluno na avaliação diagnóstica, foi proposto um trabalho com objetivos de desenvolver sua socialização, autonomia, AVD, respeito às regras de convivência, coordenação motora grossa e fina, equilíbrio, raciocínio, organização de pensamento, linguagem oral e escrita, desenho livre, discriminação e percepção visual e auditiva, juntamente com jogos, concretos, brincadeiras, atividades escolares adaptadas e demais habilidades que a criança necessitava. A criança passou a ser atendida e acompanhada na SRM pela professora Andréia. Foi elaborado um plano de atendimento para propor atividades que permitissem eliminar barreiras, oferecer oportunidades e otimizar a aprendizagem do aluno, utilizando estratégias e recur-

sos diversos com o objetivo de melhorar a sua interação no espaço escolar.

O aluno era atendido pela professora de AEE duas vezes por semana, sendo um atendimento individual na SRM e o outro na sala de aula, com orientações da professora regente e cuidadora, com atividades e jogos que eram realizados com toda turma como: macaco disse, trilhas, tapete sensorial, bandinha, dados de cores, fantoches etc. Todos participavam. As outras crianças da turma gostavam e Álvaro demonstrava alegria e se divertia muito. Essas atividades em grupo foram muito importantes para ele se socializar e também adquirir novas habilidades de equilíbrio motor, sensorial e outras mais.

No final do ano de 2019 o aluno apresentou uma boa evolução na socialização e interação com os colegas, obedeceu melhor aos comandos, reconheceu

o seu lugar na sala de aula, desenvolveu sua autonomia, AVD (fez uso do banheiro e higienização sem acompanhamento da cuidadora), conseguiu se alimentar sozinho, caminhava pela escola com autonomia, permaneceu em sala de aula por um período maior de tempo, conseguiu traçar algumas letras do seu nome, colorir, usar a tesoura para fazer recortes, reconheceu algumas cores e formas geométricas, porém ainda apresentava dificuldades em expor opiniões e realizar atividades com nível maior de dificuldade.

Este ano de 2021, o aluno se encontra matriculado no 1º ano do Ensino Fundamental. Diante do cenário de pandemia, o aluno está sendo acompanhado de forma remota pelas professoras regente, de apoio e de Sala de Recursos Multifuncionais, utilizando principalmente o aplicativo de mensagens.

A escola disponibiliza Material de Apoio Pedagógico

(MAP), com os conteúdos previstos no currículo escolar, e material complementar com atividades extras de coordenação motora como: figuras para recortar, pontilhar, colorir, colagem, livros de história e cartaz para fazer sequência de história, jogos confeccionados como pareamento, quebra-cabeça, pescaria, mesa de equilíbrio, fantoches etc. Todos os materiais foram adaptados para melhor atender as dificuldades do aluno.

A família apresenta dificuldades em ajudar o aluno na realização das atividades enviadas pela escola, relatando sempre que o aluno não demonstra interesse pelas atividades e jogos enviados. Percebe-se que a família tem dificuldades em aplicar rotinas e combinados com o aluno e que se conseguissem dar um melhor suporte, o aluno poderia estar em um nível mais avançado no seu desenvolvimento escolar.

Foram realizadas várias adaptações e utilizado vá-

rios recursos como: tentativa de chamadas de vídeos, conversas pelo aplicativo de mensagens, reunião com a família, confecção de materiais concretos para chamar atenção do aluno, adaptações nas atividades enviadas. Porém, ainda encontramos muitas dificuldades ligadas ao engajamento e alinhamento da parceria com os familiares responsáveis pelo aluno e em encontrar ferramentas efetivas para o seu desenvolvimento no contexto remoto.

A equipe escolar continuará buscando novas alternativas, estratégias, propostas de atividades e jogos e, principalmente apoio familiar.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Objetivos do plano de ação:

Promover ações que corroborem com o desenvolvimento da criança;

Incentivar a realização das atividades orientadas pela professora de apoio.

Organização do tempo:

Implementação das ações durante todo o segundo semestre de 2021.

Atividades a serem desenvolvidas e seus objetivos específicos:

- Criar uma rede de comunicação entre a escola e os demais profissionais que auxiliam

no desenvolvimento da criança.

Objetivo: saber a extensão do decréscimo no desenvolvimento do aluno diante do isolamento social.

- Solicitar junto ao Núcleo Psicopedagógico que seja realizada visita domiciliar junto à família.

Objetivo: identificar as dificuldades apresentadas em realizar os MAPs, bem como a ausência da participação do aluno no grupo de WhatsApp, para que posteriormente, a escola possa ajudar a encontrar possibilidades de auxiliar Álvaro.

- Criar, juntamente com a família, uma rotina de estudos e interação com a professora, através de videochamadas pelo aplicativo

de mensagens.

Objetivo: promover a interação do aluno e professora, estimulando a prática diária de estudos.

- Estudar a possibilidade e disponibilidade da família e professores para realizarem aulas ao vivo por aplicativo com colegas da turma de Álvaro que também tenham disponibilidade de acesso.

Objetivo: promover a socialização do aluno com os colegas e professora, para que a rotina da sala de aula não pareça tão distante na pandemia.

- Promover no grupo da turma brincadeiras virtuais nas quais Álvaro possa interagir com os demais alunos.

Objetivo: Incentivar a participação do aluno no grupo da turma.

- Reunir escola e familiares periodicamente, cumprindo os protocolos sanitários.

Objetivo: Debater maneiras de estimular o aluno nos estudos e também em seu desenvolvimento pessoal.

Materiais a serem produzidos:

Materiais necessários para a realização das brincadeiras virtuais; uso de ferramentas digitais diversas.

Parcerias necessárias e/ou setores da escola envolvidos:

Diretoria, pedagoga, professora regente, professora de apoio e professora de AEE.

Avaliação:

Encontros quinzenais entre a área pedagógica e professoras para que as mesmas possam levantar aspectos das aulas online e desempenho do aluno.

Gerar relatório mensal juntamente com os profissionais que acompanham o aluno dentro e fora do ambiente escolar para avaliar se houve melhora em seu desenvolvimento.

Encontros com os familiares para identificação de dificuldades apresentadas por Álvaro e proposta de ações para mitigá-las.

Resultados esperados:

Recuperação dos decréscimos apresentados pelo aluno com relação ao seu desenvolvimento escolar e pessoal durante o isolamento social e promoção da interação do aluno com a escola, professoras e colegas de turma. Além disso, espera-se que a relação entre a família e a escola seja estreitada através da implementação das ações propostas.

Estudo de Caso da EM Judith Augusta Ferreira

Equipe de Multiplicadoras:

Adriane Aline Fernandes, Lucimar Adriana de Paula, Viviane Evelyse Fernandes Guimarães, Tânia Mendes Cruz, Kelly Gonçalves Nunes de Azevedo

RELATO DE PRÁTICA DA ALUNA JOANA

Leia a seguir o relato de prática da Professora de AEE Adriana Aparecida Santos (nome fictício), da Professora de Apoio Jussara Rezende da Silva (nome fictício) da Escola Municipal “Brincando de Aprender” (nome fictício), localizada no município de Barbacena (MG). Esse relato trata-se da experiência dessas professoras com uma aluna com deficiência física e intelectual com muitas dificuldades de aprendizagem e sem o apoio da família.

Características da aluna

Joana Ferreira Silva (nome fictício) está matriculada atualmente no 4º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal “Brincando de Aprender” (nome fictício). É uma aluna de inclusão que possui deficiência física e intelectual.

A menina apresenta muitas dificuldades de aprendizagem, de concentração e de estabelecer foco em determinados assuntos por muito tempo. Apesar de demonstrar ser imatura para sua idade cronológica (10 anos), o que dificulta ainda mais sua evolução, Joana é alegre, carinhosa, gosta de contar casos e interage com todos na escola, inclusive com suas/seus colegas de classe.

Experiência durante às aulas presenciais

No período das aulas presenciais no ano de 2019, a aluna estava matriculada no 2º ano do Ensino Funda-

mental e não tinha professora de apoio. A professora regente Mariana Cruz dos Santos (nome fictício) fazia adaptações nas atividades de acordo com os conteúdos trabalhados em sala de aula, utilizando sempre materiais concretos, recursos de imagens e sempre respeitando o seu nível de aprendizagem. Também foram feitas algumas intervenções pedagógicas para oferecer atividades lúdicas de modo a despertar o interesse da aluna. No entanto, não obtivemos sucesso, pois a aluna era infrequente e não comparecia aos atendimentos na Sala de Recursos Multifuncionais - SRM. De acordo com o Regimento Escolar os alunos que são infrequentes são encaminhados ao Conselho Tutelar, porém, no caso de Joana, optamos ainda em tentar investidas no diálogo com a família.

O desafio das aulas remotas

Se já era difícil acompanhar Joana durante as aulas presenciais, em 2020/2021 o desafio ficou mais difícil ainda, pois, devido à pandemia mundial causada pelo vírus Sars-Cov19, em que foi necessário como medida sanitária o isolamento social para contenção da doença causada pelo Coronavírus, tal cenário resultou no fechamento das escolas partindo então para as aulas remotas.

Jussara Rezende da Silva (nome fictício) é a professora de apoio de Joana e faz adaptações em todos os MAPs (que são os Materiais de Apoio Pedagógico) utilizados pelo município e confecciona diversos recursos para auxiliá-la na aprendizagem. Desde o início das aulas na modalidade remota, já foram enviados dez MAPs. No entanto, até o momento, a aluna não devolveu nenhum MAP à escola, como é o procedimento padrão, e não enviou fotos ou vídeos das atividades demonstrando o

uso dos recursos enviados para ela. Sem ter os retornos da criança e da sua família, não conseguimos saber se ela está realizando as atividades e se tem minimamente acompanhado os conteúdos desenvolvidos ao longo desse um ano e meio que estamos em modalidade remota.

A professora da Sala Recursos Multifuncionais, Adriana Aparecida (nome fictício), e a professora de apoio, Jussara Rezende da Silva, já fizeram vários contatos por telefone com a mãe da aluna cobrando os MAPs, fotos das atividades e vídeos. Mas ela sempre diz que Joana está muito rebelde e não aceita fazer as atividades com ela. Segundo sua mãe, a menina chora e faz birra e nos disse que iria providenciar uma professora de aula particular para ensiná-la, porém, ficamos apenas nessa conversa a até o momento a mãe não trouxe nenhuma solução para resolver esse problema e tem certa demora

em responder as mensagens que lhe são enviadas.

Certa vez a professora de apoio fez uma chamada de vídeo com a aluna para estimulá-la. No primeiro momento a aluna mostrou-se receptiva e manteve diálogo com a professora de forma tímida, mas tal ação não teve efeito, ela continuou sem executar as atividades.

De acordo com a diretora Rosimeire Guimarães Rocha (nome fictício) e a pedagoga Lúcia Ferreira de Paula (nome fictício) foi enviada uma lista para a Secretaria de Educação com o nome de todos os alunos que não entregaram os MAPs para tomarem as devidas providências e o nome de Joana é um da lista. Acreditamos que uma das medidas prováveis será acionar a Assistente Social da Secretaria Municipal de Educação para que faça uma visita à casa da aluna para que, assim, possamos retomar o contato e o trabalho com Joana para que possa

se desenvolver ainda que no formato de ensino remoto.

Dados da família

Percebemos que Joana não possui um acompanhamento expressivo da família, pois ela perdeu a vaga para todos os atendimentos que fazia no Núcleo de Apoio Educacional por motivo de infrequência. A escola fez novamente o encaminhamento e está na fila de espera. Tal atendimento se faz necessário para a evolução da aluna, uma vez que no núcleo são oferecidos profissionais especializados em fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, pedagogia e assistentes sociais.

Sentimentos e reflexões

Sabemos que os desafios com a inclusão são grandes, principalmente quando não podemos contar com o apoio efetivo da família. Nós como educadores não vamos desistir. Continuaremos na busca ativa, com a es-

perança dos pais se conscientizarem que precisam participar, incentivar e ajudar na educação escolar dos filhos, sejam eles pessoas com ou sem deficiência.

Acreditamos que a ESCOLA é uma grande parceira da família e/ou a FAMÍLIA é a grande parceira da escola. Tanto faz a ordem em que se coloque, pois o mais importante é que ambas cumpram com seu papel educador e atuem na garantia de direito dos estudantes a uma educação de qualidade.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Objetivos do plano de ação:

Promover interação e participação efetiva das famílias através das informações sobre Educação Inclusiva;

Estimular a aluna para que desenvolva interesse e participação nas atividades escolares;

Promover parcerias buscando uma rede de apoio que atue no desenvolvimento da aluna.

Organização do tempo:

2º semestre letivo - agosto a dezembro de 2021.

Atividades a serem desenvolvidas e seus objetivos específicos:

- Entrar em contato com a aluna e apresentar a ela as novas estratégias a serem utilizadas para desenvolvimento das atividades (jogos, atividades interativas, vídeos). Esse contato será realizado pela professora com uma abordagem mais informal, demonstrando afeto e preocupação com o desenvolvimento dela e, a partir dessa aproximação e estreitamento de laços, introduzir as

atividades de forma lúdica, realizar jogos e brincadeiras pedagógicas, apresentar vídeos interativos e informativos visando alcançar os objetivos de desenvolvimento e aprendizagem da aluna.

Objetivo: Trabalhar a autoestima da aluna e incentivar o interesse pelas atividades escolares.

- Buscar profissionais qualificados na área da Educação Especial e inclusiva para dialogar com as famílias e subsidiar a conscientização acerca de sua participação no desenvolvimento cognitivo, emocional e educacional em parceria entre família e escola.

Objetivo: Informar e conscientizar a família sobre

a necessidade de intervenção no caso da aluna, além de demonstrar interesse, preocupação e disposição por parte da escola em atuar no desenvolvimento da criança.

- Entrar em contato o Núcleo de Apoio Educacional (NAE), buscar parcerias com a Secretaria de Saúde para acompanhamento de um especialista, solicitar um relatório dos profissionais que acompanharam a estudante anteriormente e dialogar com a família para obter maiores informações acerca do comportamento da aluna em seu contexto domiciliar e nas escolas anteriores.

Objetivo: Obter um relatório com maiores detalhes do caso da estudante em questão para

assim atuar pontualmente no desenvolvimento de suas especificidades.

Materiais a serem produzidos:

Selecionar e/ou produzir vídeos específicos de acordo com a temática a ser trabalhada com a criança; selecionar e/ou elaborar atividades interativas e jogos utilizando-se de ferramentas digitais.

Parcerias necessárias e/ou setores da escola envolvidos:

Parcerias com a direção escolar, com o núcleo de apoio pedagógico - NAE e com a secretaria de saúde.

Avaliação:

A avaliação será realizada durante todo o processo de acompanhamento e intervenção com a aluna, através de relatórios mensais tendo como foco de análise o de-

envolvimento cognitivo e de interesse tanto da aluna quanto da família no trato com as investidas escolares.

Resultados esperados:

Com as propostas descritas no projeto, esperamos um desenvolvimento da aluna quanto ao interesse e realizações das atividades e propostas escolares; que a família assuma e corrobore com a educação da criança sendo parceira da escola; esperamos ainda a realização de um diagnóstico mais preciso da aluna para que a atuação seja mais assertiva e que a estudante possa ser acompanhada considerando suas limitações de aprendizagem, recebendo atendimento especializado adequado e se sinta incluída no ambiente escolar, ainda que remoto.



PARA SABER MAIS...

Acesse as fontes de pesquisa indicadas abaixo de acordo com o tema de seu interesse.

Comunicação Alternativa:

Recursos para comunicação alternativa: bit.ly/3EgiQv3

Atividades Inclusivas:

A educação especial na perspectiva da inclusão escolar
- O atendimento educacional especializado para alunos com deficiência intelectual: bit.ly/3lGsuPp

Atividades Inclusivas: bit.ly/3hxUaV0

Práticas pedagógicas inclusivas: bit.ly/3tlak3l

Autismo:

Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo: bit.ly/3nt0a1Y

Síndrome de Down:

Análise de atividades gráficas para crianças com síndrome de down: bit.ly/3nlb3Ae

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO...

O que aprendi de novo até agora?

'Sobre a importância da acessibilidade nos ambientes sejam eles escolares ou não.' **Regiane Aline da Silva Esteves, profa. de apoio da EM José Cardoso Osório.**

'Antes de tudo estou aprendendo a usar novas ferramentas tecnológicas. E, como não poderia ser diferente, aprendendo a cada dia um pouquinho mais sobre Educação Inclusiva, refletindo a prática.' **Sandra Regina Dias de Melo Soares, profa. de apoio da EM Dona Maria de Oliveira Castanheira.**

Que ideias tive para melhorar ainda mais minha atuação

'Trocar informações com os colegas, famílias, comunidade escolar como um todo, para que juntos possamos construir uma educação baseada no respeito mútuo e de parcerias.'

Eci Maria Cordeiro Rezende, profa. de AEE da CEMEI Pingo de Gente.

'Ter estudo de caso como referência e, através dele, aprofundar mais no assunto para desenvolver estratégias que tenham êxito no ensino-aprendizagem; Aperfeiçoar serviços a partir de experiências de sucesso; Que o relato tanto de experiências negativas ou positivas são norteadores para conseguirmos um melhor resultado.' **Mirtes Socorro Andrade Costa, diretora da CEMEI Pingo de Gente.**

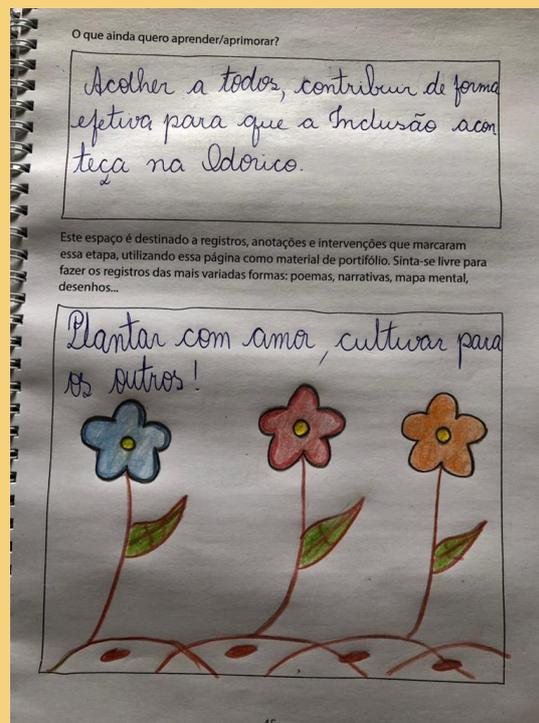


O que ainda quero aprender/aprimorar?

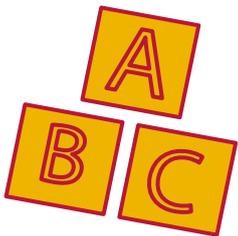
'Desafios da Educação Inclusiva em tempos de pandemia. Implementação de tecnologias assistivas e aprimorar meus conhecimentos em relação as mesmas.' **Mirtes Socorro Andrade Costa, diretora da CEMEI Pingo de Gente.**

'Quero conhecer um pouco mais sobre as possibilidades dos "meus" alunos de inclusão e de alguma forma, ajudá-los em seu processo de aprendizagem.' **Sandra Paula Coimbra São Pedro, profa. regente da EM Rosália Andrade da Glória.**

O que ainda quero aprender/aprimorar?



Elizia de Lourdes Barros Ribeiro, profa. regente da EM Sr. Odorico Martinho da Silva.



3. CONSTRUINDO UM MEMORIAL DA FORMAÇÃO

O memorial da formação fez parte da tarefa final proposta no Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva, inspirado na ideia de que “todos nós somos historiadores quando produzimos história e que elas precisam ser preservadas para não cair no esquecimento” (BENJAMIN, 1987, p.232). Desse modo, a escrita das memórias do que foi vivenciado na formação busca eternizar a partir do olhar das participantes a história da formação no projeto Educação Inclusiva.

Além disso, sendo o memorial uma forma de registro de processo, de travessia, de lembranças reflexivas dos acontecimentos dos quais somos protagonistas, esses registros da experiência, do vivido, “são imprescindíveis para tornar público o que pensam os profissionais, bem como para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano” (PRADO e SOLIGO, 2005, p. 09).

Provocando vasculhar as lembranças e refletir sobre a experiência e sobre o que mudou desde o começo da formação, os memoriais da formação revelaram um pulsar de sentimentos, aprendizagens, lições, reflexões, alegrias, tristezas, cores, sabores, sensações, sentimentos, novas ideias, novos e velhos paradigmas etc. Assumindo os mais diferentes formatos de escrita, as memórias foram sendo compartilhadas através de cordel, poesia, paródia, narrativa, contos, depoimentos e algumas utilizando ferramentas digitais como áudios-podcast, vídeos, powerpoint, entre outros.

Os memoriais de cada participante demarcam suas características, personalidades, gostos e individualidades, porém, um outro movimento memorialístico também foi acontecendo, a elaboração de um memorial coletivo para apresentação no sarau *Memorial da Formação* e lá, muitas outras histórias foram contadas. Dessas muitas histórias e lições aprendidas, compartilhamos a seguir algumas memórias.

MEMORIAL EM FORMA DE POESIAS

Nas janelas do coração

*Nessa formação
Foram vários encontros importantes
Minha eterna gratidão
A todos momentos marcantes.*

*A troca de experiências com as participantes
Interligadas pelas telas
Uma mistura de sentimentos e saberes
Encheu de emoção aquelas pequenas janelas.*

*Sobre a inclusão
Acontece no coração
Vamos nos unir
E juntos construir.*

*Vamos vencer os desafios
Com perseverança e determinação
Família e escola
Juntos em ação*

Juliana Aparecida Gonçalves - CEMEI Pingo de Gente.

Caminhada de aprendizado

*Logo no início do ano
Foi-me dada uma missão.
Às crianças especiais venho de dedicando
Com todo meu coração.
Em março, aos professores de Congonhas, com muito trato,
Foram apresentas maravilhosas tutoras.
E a partir de então, nós da Escola José Monteiro de Castro
Temos muito orgulho de nos apresentarmos como multipli-
cadoras.
Deste momento em diante
Formou-se uma equipe muito unida.
Nos tornamos confiantes*

*E ao tratar de inclusão, de conhecimento estamos mais mu-
nidas.
Criamos um projeto de inclusão
Para envolver a comunidade.
Para escolher seu nome, com muita participação
Foi feita uma enquete que envolveu pessoas de toda idade.
Mostramos para todos o trabalho que já é feito
E para que a inclusão sempre vença
Só tem uma maneira. Só tem um jeito.
Valorize a diversidade. Respeite as diferenças!*

Thaís Aparecida Dias Soares – EM José Monteiro de Castro.

O que é incluir?

*Incluir é entender a diversidade
É respeitar as diferenças
É enfrentar desafios
É compreender a inclusão.
Incluir é agir, lutar e buscar
É aprender sempre
É conviver com nossos medos
É acima de tudo ter esperança
de que tudo valerá a pena.*

*Incluir é sentir
É ter paciência, amor, escuta
e ação
É unir forças em busca de
mais qualidade
É engajar as famílias e credi-
tar que podemos evoluir.*

*Incluir é saber que a união faz
a força
É acreditar que sempre pode-
mos seguir em frente,
E que, se nossa realidade nos
limita,*

*Nossos sonhos trazem cora-
gem e determinação.*

*Incluir é aprender que convi-
ver não é fácil
Aprender a ter amor pelo o
que faz
Aprender a estar sempre em
processo
Aprender que juntos encon-
traremos bons resultados.*

*Incluir é pensar, amar, escutar
e apoiar
É compartilhar, ter coragem e
sonhar
É buscar práticas, união e de-
terminação.
Incluir é ter o privilégio de con-
viver com as diferenças
É ter capacidade de entender
e reconhecer o outro
É ter oportunidade de apren-
der e compartilhar
acolher todas as pessoas sem
exceção!*

Fátima Regina Coelho Ribeiro – EM Odorico Martinho da Silva.

MEMÓRIAS EM FORMA DE ACRÓSTICO

PROJETO DA...

Entre tutorias síncronas e assíncronas, tutoras e multiplicadoras,

Diagnósticos e intervenções,

Unidas em um só papel, planejamos,

Construímos, organizamos,

Adaptamos, aprendemos, criamos planos de

ação para o envolvimento e desenvolvimento dos

Alunos mais que especiais, do qual nos

Orgulhamos muito.

Incrível foi o dia 20 de agosto de 2021

Nós da equipe do Conceição Lima

Com nossos convidados especiais em uma

Linda e emocionante palestra.

Uns comentaram, outros só ouviram.

Sempre com um sorriso no rosto, a

Ilustre palestrante psicóloga Mariana Luísa,

Valorizou o tema:

A importância do acolhimento do aluno na escola.

Regina Maria de Araújo – EM Conceição Lima Guimaraes.

Fenomenal! Quando tudo começou, formação da Fundação Vale, expectativa mil..

Unidos em um só propósito;

Nós multiplicadoras, cheias de ideias, anseios, medos insegurança, mas com objetivos bem definidos;

Diante de tantos desafios, as vezes, me via desanimada, angustiada, insegura

Ah...mas vinha nossas formadoras, cheias de entusiasmos, otimismo, motivação, palavras de carinho nunca esquecerei MULLHERES, e tudo se ajeitava; fantástico

Ação, palavra-chave para iniciarmos nossa formação.

A cada tutoria, a cada encontro, a cada palestra, a cada tarefa, quanto aprendizado;

Otimismo! Esse não podia faltar, a cada obstáculo que encontrava o empenho, a determinação, falava mais alto;

Valeu a pena; cada minuto, cada segundo da nossa formação, palestras, trocas de experiências maravilhosas, vídeos, dinâmicas nossa... quanto aprendizado.

Agradecer, pela chance, por tanto aprendizado, conquistas, e por ter conhecido profissionais como vocês, saiba que serão minha inspiração.

Planejamento, plano de ação, reflexões, desafios, cronograma, planilhas, intervenções esses foram nossos grandes aliados, mas foi muito importante contar com o apoio, com ajuda de vocês formadoras a cada desafio imposto.

E por fim, gratidão a todas vocês que muito me ajudaram nesse percurso, que contribuíram para o sucesso e crescimento sem medir esforços.

Rosemeire Ferreira Pena de Moura – EM João Olyntho Ferraz.

MEMÓRIAS EM FORMA DE NARRATIVAS



Para entender melhor todo o processo de construção do conhecimento, recordo-me das etapas do Programa de Formação Remoto do Projeto Educação Inclusiva que participei; desde a entrega do kit de formação, abertura e apresentação das tutoras através de uma reunião no Google Meet até montarmos um grupo focal para discutirmos com a comunidade escolar onde trabalho, a evolução da perspectiva da Educação Inclusiva.

Nossa escola precisava construir um projeto de intervenção. Mapeamos o nosso diagnóstico, com ajuda de nossas tutoras através das aulas síncronas e assíncronas e construímos um plano de ação com o tema Educação Inclusiva na prática. Montamos um formulário com várias perguntas para conhecermos as dúvidas da equipe escolar sobre Educação Especial e inclusão escolar.

Com o resultado do formulário reunimos e agenda-

mos uma nova reunião no Google Meet para darmos um feedback e esclarecermos as dúvidas que surgiram.

Montamos um relato de prática e um Estudo de caso. Tivemos uma palestra com as psicólogas escolares da SEMED de Congonhas para toda a comunidade escolar.

Hoje, sei que aprimorei muito meus conhecimentos, mas sinto ainda a necessidade em continuar estudando e resolvi então fazer a segunda Licenciatura em Educação Especial.

Pretendo estudar e conhecer melhor sobre os diferentes transtornos; altas habilidades e superdotação e os diferentes tipos de deficiências, para melhor acolher e atender meus alunos.

Graciela Rodrigues da Silva Vieira – EM João Olyntho Ferraz.



A Educação Inclusiva sempre foi algo que me despertou bastante interesse. Nesses últimos anos, a presença e o contato com alunos que necessitavam de um trabalho voltado para o desenvolvimento das suas potencialidades aguçaram cada dia mais a minha vontade de aprender e garantir a eles a oportunidade de aprender, de estar numa sala de aula e de ter todos os seus direitos resguardados.

O convite para participar desta formação foi um momento de muita alegria, mas, também de muita apreensão em função deste novo contexto escolar que a pandemia do Coronavírus nos impôs. Conhecer a Luísa, primeira relações públicas com síndrome de Down no Brasil e integrante da equipe da AIC, ter a oportunidade de acompanhar virtualmente a sua trajetória de vida nos mostra o quanto é importante conhecer sobre as Leis da Educação Inclusiva e compreender o funcionamento do AEE.

Quando tivemos nossa primeira reunião com o grupo Focal, vimos o tanto que este tema precisava ser trabalhado com a nossa comunidade escolar como um todo. A reunião com o grupo focal evidenciou nossos pontos fracos e nossos pontos fortes e nos mostrou o quanto a organização dos recursos pedagógicos e a acessibilidade são importantíssimas no rompimento das barreiras, a fim de garantir aos alunos com deficiência que possam participar plenamente e desenvolver suas potencialidades.

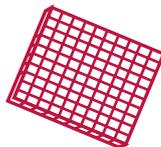
Participar desta formação nos impulsionou a construir um projeto que permitisse revitalizar a Educação Inclusiva na nossa escola. Toda a sensibilização, todo o aprendizado a ser compartilhado com a nossa comunidade escolar foi oriundo desta formação. Vídeos compartilhados sobre PPP, PDI, as curiosidades (você sabia), os vídeos de sensibilização nos inspiraram muito na nossa trajetória de formação.

Hoje, tenho uma visão muito diferente e consigo compreender melhor a importância de um trabalho conjunto que busque a excelência e a redução das desigualdades dentro da escola. Saio feliz e bastante amadurecida desta formação. Todo aprendizado, todo conhecimento serão compartilhados com a minha comunidade para que juntos modifiquemos a nossa realidade no que tange a Educação Inclusiva dentro de nossa escola. Me sinto mais segura. Tinha muito a aprender. Tinha medo e me sentia impotente. Mas esta formação me fez perceber o quanto é importante envolver a todos e garantir os direitos destas crianças e adolescentes que de alguma forma necessitam de um atendimento voltado às suas necessidades.

**Joelma Cristiane Santos e Silva Vasconcelos –
EM Sr. Odorico Martinho da Silva.**

Meu nome é Lorena Cristina Santos, tenho 27 anos e vou contar um pouco da minha trajetória de vida e profissional em relação à educação. Minha infância foi um pouco conturbada, nasci em João Monlevade, Minas Gerais. Morava com a minha mãe em uma casa e um bairro simples da cidade. Mesmo sendo uma vida comum sem muito conforto as coisas caminhavam de forma tranquila, dentro do possível. Frequentava a escola nessa cidade e gostava muito, apesar da fase de adaptação ter sido um pouco difícil.

Aos 8 anos de idade recebi a triste notícia de que minha mãe havia falecido. Na minha pouca percepção de vida naquele momento eu sabia que ela estava doente, mas não tinha noção de que ela iria morrer e muito menos que aquele acontecimento fosse mudar completamente a minha vida. Todos nós sabemos que enfrentar perdas faz parte da vida, mas só quando vivenciamos é



que nos damos conta de como profundamente somos afetados. Minha mãe faleceu aos 30 anos de idade e eu também não conheci o meu pai.

Após tentativas de morar com outras tias na mesma cidade, período que durou poucos meses. Resolvi aceitar o convite de morar com uma tia na cidade de Ouro Branco. Não poderia imaginar que naquele momento, eu estava fazendo a melhor escolha da minha vida. O período de adaptação a uma nova família e a uma nova realidade também não foi fácil, mas com o tempo eu fui me sentindo mais à vontade com todos eles. Meus tios assumiram o papel de meus pais e meus primos viraram meus irmãos. Não consigo expressar com palavras a minha gratidão por eles, e aos poucos compreendi que o coração também é capaz de formar uma família.

Minha tia é professora e apaixonada pela sua profes-

são. Sempre fala com todos que ama ser professora e do orgulho que sente exercendo essa função. Não conseguiria ser outra coisa e se sente muito realizada na sua área profissional.

Nós professoras sempre levamos muito trabalho para casa, e eu aos poucos comecei a ajuda-la com cartazes, diários, provas, lembrancinhas, máscaras entre outras coisas, além de todas as tarefas que envolvia o computador, pois ela não sabe mexer muito bem, função que realizo até hoje, pois ainda moro com ela.

Quando chegou o meu momento de escolher uma profissão não consegui pensar em algo que não fosse o curso de pedagogia, pois já estava tão inserida no universo docente e já me sentia uma professora também. Minha tia por amar a profissão, apoiou completamente a minha decisão.

Trabalho na rede municipal de Congonhas desde 2019, porém, no ano de 2020 o mundo começou a passar por um momento bem difícil. Começou a Pandemia do Corona Vírus, todos os lugares foram fechados temporariamente, inclusive as escolas. Os professores se viram em uma situação complicada e os alunos passaram a ter aulas online. Escola, famílias e alunos passaram a fazer o que podiam para amenizar a situação e levar conhecimento para os alunos mesmo que a distância.

No ano de 2021 comecei a trabalhar na Escola Municipal Rosália Andrade como professora de apoio. Assim como as demais tarefas relacionadas à escola, apareceu a oportunidade de fazer um curso de Educação Inclusiva de forma remota. Como sempre estou trabalhando com a inclusão e no momento também estava fazendo uma pós-graduação com a mesma temática, aceitei o convite para realizar o curso. No início fiquei um pouco apreen-

siva, pois sabia que haveriam tarefas a serem realizadas e pensando na grande quantidade de coisas que eu já havia assumido a responsabilidade de fazer, seria mais uma que necessitaria de tempo e atenção. Além de seguir um cronograma de datas e horários a serem respeitados.

Com o passar dos dias aqueles encontros às quintas-feiras que eram anotados na agenda apenas como mais uma reunião, passou a ser um encontro de amigas. Em meio a milhões de coisas que estavam acontecendo, era um momento que havia a troca de experiências, aprendizado e muitas risadas. Tivemos muitos momentos legais durante a formação como: palestras com excelentes profissionais, reuniões com familiares e demais funcionários, reuniões entre a equipe para realização das tarefas e nesses encontros até recebi a fama de ser “séria”, tive a oportunidade de mostrar um pouquinho mais quem sou eu. Superei o nervosismo de falar com toda a equipe

mais uma reunião, passou a ser um encontro de amigas. Em meio a milhões de coisas que estavam acontecendo, era um momento que havia a troca de experiências, aprendizado e muitas risadas. Tivemos muitos momentos legais durante a formação como: palestras com excelentes profissionais, reuniões com familiares e demais funcionários, reuniões entre a equipe para realização das tarefas e nesses encontros até recebi a fama de ser “séria”, tive a oportunidade de mostrar um pouquinho mais quem sou eu. Superei o nervosismo de falar com toda a equipe da escola mesmo sem conhecê-los pessoalmente e para finalizar me deparei com a realização de um memorial. Nunca havia feito um memorial antes, logo, percebi o quanto é difícil falar de nós mesmos.

Estou muito feliz e satisfeita em participar do curso de Educação Inclusiva, foi um prazer conhecer todas as pessoas envolvidas no projeto e posso dizer com toda certeza que valeu a pena cada momento da minha trajetória. Cada tropeço, tristeza, desespero, choros, risadas, apertos, medo e persistência me fizeram quem eu sou hoje. Estou feliz com a minha profissão e onde estou conseguindo chegar graças a ela. Agradeço todos os dias por essa fase da minha vida.

Lorena Cristina Santos – EM Rosália Andrade da Glória



MEMÓRIAS EM FORMA DE AUTORRETRATO



Autorretrato aos 59

Nasceu em 1960, Casa de Pedra, Município de Congonhas, Minas Gerais.

Casada três filhos,

Altura 1,58

Manequim 42

Gosta de ler, escrever, assistir filmes,

Adora usar as redes sociais: Facebook, Instagram, WhatsApp, Youtube, Sites Educacionais ou de Entretenimento

Gosta de assistir filmes na Netflix.

Prefere um bom vinho seco

Odeia a imposição prefere o diálogo.

Vivenciou uma pandemia, até então só vista nos livros de história.

Sofreu a virose e chorou com as milhares de mortes dos irmãos infectados pela COVID - 19.

Sonhou com a descoberta de uma vacina para acabar com o vírus da covid-19.

Desenvolveram várias vacinas e mesmo não tendo 100% de eficácia o vírus diminuiu.

Imunizou-se com a vacina AstraZeneca e a segunda dose aguardou

Participou da Formação de Educação Inclusiva, promovida pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Fundação VALE.

Se recorda da primeira tutoria síncrona da apresentação da equipe de formadores da Fundação Vale, multiplicadores das escolas municipais de Congonhas e do envolvimento e incentivo da equipe de formação.

Percebeu que estaria frente a um grande desafio, que seria algo enriquecedor em seu currículo e que precisaria de muita dedicação e estudos.

Recebeu um lindo kit de formação que despertou um

grande interesse em conhecê-lo e analisá-lo.

Aprendeu que a inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades.

Participou de discussões sobre a Educação Inclusiva na escola com pais, equipe de multiplicadores do grupo de formação e membros da escolar, onde se percebeu as várias expectativas em relação as necessidades de melhorias e inovações para o atendimento aos alunos da inclusão e melhoria no espaço escolar para um atendimento especializado e qualificado.

Identificou conceitos e as legislações nas tutorias que antes desconhecia.

Participou com a equipe escolar da escolha do perfil que melhor se identificasse com a escola e assim criou um selo de identificação.

Organizou e desenvolveu junto com a tutora da Fundação Vale e multiplicadores da escola do Programa de Educação

Inclusiva, materiais diversificados para atender as crianças em suas várias deficiências. Materiais para acompanhar os MAPs (Materiais de Apoio Pedagógico).

Recebeu orientações e sugestões de como elaborar um Plano de Ação

Percebeu através de vários exemplos de estudos de casos que a escola precisa adaptar as atividades propostas aos objetivos a que se querem alcançar, para um trabalho eficiente e que assim alcance resultados eficiente e adequado a cada aluno.

Recebeu da tutoria vários exemplos de Planos de Ação que muito contribuiu para elaboração do plano da escola.

Organizou na escola materiais visuais para uma melhor sensibilização e conscientização com relação aos trabalhos realizados com os estudantes da inclusão.

Participou da elaboração do Plano de Ação seguindo orientação da tutora e de toda a equipe de multiplicado-

res de formação da escola,

Finalizou junto com a equipe escolar o Plano de Ação para o Projeto de intervenção da escola.

Se recorda hoje dos encontros com uma expectativa bem diferente que quando entrou. Agora com um olhar mais crítico e consciente e que a inclusão não é algo pronto, mas que a cada dia um novo olhar com esperanças de que aquele aluno é um dentre todos os outros na escola. Com sonhos e expectativas de um futuro melhor. Lembrou de vários momentos marcantes e registrou através deste memorial algumas partes marcantes.

E assim espera continuar por muitos anos voltar a escrever nas linhas de sua vida, histórias que poderá no futuro, orgulhar aqueles que tiverem a alegria de ler e também sonhar.

Rosângela Lúcia de Oliveira – EM José Monteiro de Castro.

MEMÓRIAS EM FORMA DE CONTO



Era uma vez uma criança que gostava muito de brincar de ser professora. Brincava com alunos imaginários que se sentavam em tijolos espalhados pela garagem de seu pai. Escrevia a matéria, explicava, passava as atividades e corrigia. Na adolescência, seus alunos eram reais. Dava aulas particulares para as crianças da vizinhança.

Não houve escapatória: acabou se tornando professora! Graduiu-se em Letras. Enfrentou e enfrenta vários desafios. E um deles foi lidar com situações para as quais não se sentia preparada: alunos que fugiam do “padrão”. Veio de uma escola que privilegia os alunos “nota 10” e que não leva em conta as especificidades e potencialidades de cada um.

A participação na formação de Educação Inclusiva foi um convite da diretora Lílian e da supervisora Deliane.

Aceitou, sem saber exatamente o porquê.

Nos primeiros encontros, ficou totalmente perdida. Não se sentia preparada para lidar com “aquilo”. Achava que era um terreno que não lhe pertencia.

Em sala de aula, não entendia como lidar com alunos de inclusão. Preferia deixá-los aos cuidados dos seus colegas de turma, afinal estavam juntos diariamente, ou assumir uma postura de proteger esses alunos, tratando-os inconscientemente como incapazes.

Depois de algum tempo, foi se situando. Em seu interior houve uma mudança. Aprendeu que o acolhimento é o primeiro passo: acolher os pais que se frustram por receberem um filho com dificuldade de aprendizagem, de relacionar-se ...Acolher o aluno que muitas vezes é incompreendido e deixado de lado.

O acolhimento é mesmo importante: se sentiu acolhida pelas colegas e aos poucos foi entendendo que não há uma receita. A base de tudo é o amor, a aceitação, a empatia.

A cada encontro aprendia mais: ouvir, enxergar o outro, tentar chegar até ele.

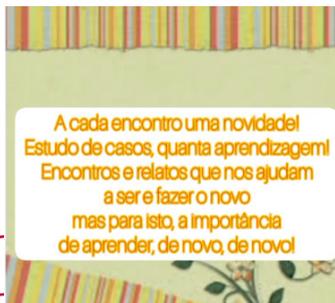
A palavra que resume esse momento: GRATIDÃO.

Gratidão a Deus, às colegas de formação Lílian, Roseli, Marcilene e Lorena, às tutoras pelas orientações, pelos papos rápidos antes de cada encontro, pelo carinho para com todas.

Agora, ela está mais confiante e otimista: vai errar, acertar, mas com certeza, vai fazer diferente...

Sandra Paula Coimbra São Pedro – EM Rosália Andrade da Glória.

MEMÓRIAS EM FORMA DE VÍDEOS



Vídeo memorial da professora Regianne Maria Gervasio Lucas - EM Conceição Lima Guimarães.



Vídeo memorial da professora Gleise Lúcia Porfira dos Santos Franco - CEMEI Pingo de Gente.



Vídeo memorial da professora Rosângela Rodrigues Oliveira Pinto - EM João Narciso.

MEMÓRIAS OUTRAS DA FORMAÇÃO

Muitas memórias carrego

De pessoas que nem conheci

Que de mim levaram um pouco

E me deixaram um pouco de si.

Não acumulo dinheiro e nem bens materiais

Acumulo conhecimento e tô sempre querendo mais.

Uma equipe que veio de fora propôs uma formação

Que iria contribuir...Fazendo uma intervenção.

Provocou curiosidade e também muita emoção

Ao propor o desafio de promover a inclusão

Refletir sobre os problemas e buscar a solução

Remoldando nossas práticas, exercitando a união.

A conclusão logo veio...É preciso conscientização!

Respeitar as diferenças, não é qualidade, é obrigação.

Trecho retirado do cordel memorial da equipe de multiplicadoras da EM Judith Augusta Ferreira.



Relatos de uma professora em tempos de pandemia.

Iniciamos o ano de 2021 com medos, incertezas e ao mesmo tempo a esperança que tudo voltasse ao normal. Diferente dos outros anos, nesse ano não contamos os feriados em que estaríamos em casa, e sim o tempo que faltava para a vacina chegar e aliviar um pouco esse medo que nos assombra diariamente.

A paixão pela educação nunca deixou que eu desistisse, aprendi e estou aprendendo muito. Sei que o contato com os alunos é muito bom, para minha surpresa o meu envolvimento com essas crianças tem sido maravilhoso, mesmo a distância o envolvimento e carinho só aumentou. Agora já vacinada com a primeira dose, e um pouco menos assustada com a situação, porém continuo tomando todos os cuidados necessários para evitar a disseminação do vírus.

A escola atendendo todos os protocolos já se prepara para o retorno dos alunos, será uma maneira diferente de acolher e ensinar os nossos alunos, mais um novo e grande desafio pela frente.

Trecho retirado do memorial da professora Regiane Aline da Silva Esteves – EM José Cardoso Osório.



Trecho retirado do memorial da professora Jamile Tatiane Lima Barboza Cruz da EM Michael Pereira de Souza.

UM LAYOUT PERFEITO

E minhas concepções acerca da inclusão se estabilizam e desestabilizam a todo momento. Minha ansiedade para conhecer o e-book aumenta no sentido de confirmar se os relatos de práticas inclusivas na minha escola me farão ver a inclusão de uma forma mais positiva. Sei que preciso me conter, mas ainda vejo a inclusão do aluno na aula do professor como um quebra-cabeças, o qual todas as peças precisam estar corretamente encaixadas, ou seja, todos na escola e principalmente professor regente e apoio em sintonia para que a aula da turma seja a mesma aula do aluno incluído: Esse seria o layout do nosso quebra-cabeça montado. Essa seria a inclusão que tanto almejo pro meu filho e demais alunos incluídos.

Trecho retirado do memorial da professora Elaine Maria Marques Ribeiro Rezende da EM Michael Pereira de Souza.

Em 2021 em plena pandemia fui convidada pela diretora a fazer parte das multiplicadoras no projeto da Fundação vale em parceria com a Prefeitura Municipal de Congonhas e execução da AIC. Confesso que fiquei apreensiva, pois tantas coisas a fazer, aulas remotas, vida pessoal com filhos a verificar se estão assistindo aulas do colégio direitinho, enfim... vida de mãe, dona de casa e professora. Mas como sempre me interessei por esse assunto e aceitei prontamente. Esse projeto me proporcionou uma visão crítica, investigadora e esclarecedora.

Era chegada o momento de dar largada ao novo desafio , na nossa reunião com grupo focal onde recebemos alguns membros para montarmos o Plano de Ação foi possível ouvir opiniões diversificadas sobre inclusão ,o que para mim foi satisfatório pois a maioria das pessoas acreditam na inclusão percebi que nas opiniões das famílias que estavam presentes naquele momento mesmo virtualmente , que elas acreditam que a inclusão pode acontecer sim , que não tem preconceito com alunos incluídos , o que me

incentivou mais na minha prática escolar.

A inclusão torna todos especiais e únicos em um ambiente escolar onde a aprendizagem torna-se uma troca em que muitas vezes aprendemos mais do que ensinamos. Ela começa na sala de aula e deverá ultrapassar as paredes e os muros das escolas.

Este curso que foi ofertado para nós professoras, para mim foi uma experiência única e muito prazerosa que trouxe conhecimento e empatia. Oferecer aos alunos o que eu tenho de melhor, aquilo que está dentro do meu coração com esse propósito eu me dediquei ao curso de inclusão, aprendi técnicas e habilidades que aguçaram ainda mais o meu olhar para esse tema tão atual e significativo que é tornar único e especial cada criança seja ela com ou sem deficiência.

Trecho retirado do memorial da professora Laura Lúcia Vaz – EM Lucas Estevão Monteiro.



Um olhar coletivo sobre a “Educação Inclusiva”

Em meio à Pandemia da Covid-19, afastados presencialmente das escolas, em distanciamento social, trabalhando com ensino remoto e online, iniciamos no final de março de 2021 uma Formação Remota em Educação Inclusiva, que nos foi apresentada em um webinar realizado em 30 de março. Eu estava ainda muito esperançosa de que em breve retornaríamos presencialmente, mas com os casos de contaminação crescendo, isso não foi possível.

Com muita expectativa e diante de um novo cenário de ensino-aprendizagem, passamos a utilizar diversos meios tecnológicos para nos aproximar e interagir devido à não possibilidade de encontros presenciais. Eu já tinha certo conhecimento e domínio de algumas tecnologias, mas precisei me aprimorar e adquirir novos equipamentos para possibilitar um melhor desenvolvimento de minhas atividades, o que certamente me auxiliará daqui pra frente.

Em encontros síncronos e assíncronos a cada quinze dias a formação nos impulsionava a reflexões constantes à respeito da importância de buscar soluções e apontar necessidades referentes à Educação Inclusiva na escola onde atuamos. Várias discussões e dinâmicas foram importantes para minhas reflexões, como também a percepção de que o envolvimento de toda a comunidade escolar contribuiu significativamente para a melhoria das práticas de inclusão.

Essa formação ajudou a aprimorar minhas práticas educacionais, dando um novo significado ao espaço escolar, com melhor desenvolvimento de habilidades para melhorar o processo de ensino-aprendizagem dentro da instituição escolar onde atuo, a relacionar o novo conhecimento adquirido com minha prática docente, agregando mais suporte e conteúdo para oferecer aos meus alunos e comunidade escolar. Chego ao final dessa formação satisfeita com o que já fiz até aqui, porém disposta a me dedicar ainda mais por uma causa tão importante, ciente de que

ainda posso melhorar minha atuação docente e que os desafios serão encarados com leveza e entusiasmo, objetivando o melhor desempenho possível para alcançar os propósitos de uma Educação Inclusiva e de qualidade.

Trecho retirado do memorial da professora Indiamara Gabriel Costa Souza – EM Engenheiro Oscar Weinschenck.



Formação durante uma pandemia

*Março de 2021
Recebo um convite
Ou convocação?
Professora, chegou uma correspondência
Você participará de uma formação*

*Na escola onde trabalho
Educação Inclusiva
É levada a sério
Por isso é necessário
Ter conhecimento
Sem mistério*

*Momento emocionante
Relato de prática inclusiva
Um caso marcante
Experiência por mim vivida*

*Gratidão!
Valeu a pena!
Nos veremos novamente
Um dia!*

Trecho retirado do memorial da professora Regiana Luiza Gonçalves – EM Engenheiro Oscar Weinschenck.

MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO

Os memoriais marcaram a formação trazendo as lembranças do vivido, das experiências compartilhadas, das etapas e processo formativo que cada participante vivenciou. Além dos memoriais individuais que foram produzidos, os memoriais coletivos produzidos por cada escola também revelam parte dos acontecimentos e resultaram em belíssimas apresentações no Sarau “Memorial da Formação”.

Para acessar aos memoriais digitais acesse o link:

<https://bit.ly/3IsnBZN>

Para ver na íntegra as Memórias outras da formação, acesse:

bit.ly/3ImBh8R

Para assistir ao Sarau “Memorial da Formação” acesse:

bit.ly/3AfkAIT

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO...

O que aprendi de novo até agora?

'Aprendi a compartilhar os problemas e ter uma visão mais ampla em busca de soluções.' **Adriane Aline Fernandes, profa. de apoio da EM Judith Augusta Ferreira.**

'Que é muito bom registrar as ações e consequências delas para estar sempre aprimorando e aprendendo com nossos erros e acertos. É mais um meio de compartilhar nossas experiências e frustrações. Também poderemos, no futuro, fazer pesquisas para atuar em novas práticas e retomar algumas que deram certo.' **Gleise Lúcia Porfira dos Santos Franco, profa. regente da CEMEI Pingo de Gente.**

'Aprendi principalmente que um aluno de inclusão é aluno da ESCOLA e não de um só professor. É necessário que nos unamos para atender esses alunos.' **Sandra Paula Coimbra São Pedro, profa. regente da EM Rosália Andrade da Glória.**

'Que inclusão apesar de ser discutida há algum tempo ainda tem um longo caminho a percorrer no processo educacional; Apesar das dificuldades, incluir crianças com necessidades especiais beneficia a todos os envolvidos; Que sempre existe a possibilidade de fazer algo mais; Que o momento atual é de construção.' **Mirtes Socorro Andrade Costa, diretora da CEMEI Pingo de Gente.**

'Aprendi que a Educação Inclusiva compreende a educação especial dentro da escola regular e transforma a escola em um espaço para todos.' **Regina Maria de Araújo, profa. de apoio da EM Conceição Lima Guimarães.**



Que ideias tive para melhorar ainda mais minha atuação?

‘Sempre analisar profundamente a situação do aluno sob todos os aspectos para planejar ações mais efetivas e significativas.’ **Adriane Aline Fernandes, profa. de apoio da EM Judith Augusta Ferreira.**

‘De ser multiplicadora. Fazer um trabalho coletivo e transdisciplinar envolvendo, de forma participativa, vários setores da equipe escolar.’ **Regina Maria de Araújo, profa. de apoio da EM Conceição Lima Guimarães.**

O que ainda quero aprender/aprimorar?

‘A criar uma abordagem diferenciada para otimizar o ensino de crianças com necessidades especiais; Estimular a aprendizagem de maneira positiva; Uso da tecnologia; Estar em constante adaptação e evolução, buscando novos conhecimentos e maneiras de ensinar.’ **Mirtes Socorro Andrade Costa, diretora da CEMEI Pingo de Gente.**

‘Conhecer as metodologias e tecnologia. A utilização de recursos multifuncionais e de tecnologia específica para a sala de aula para poder contribuir para o desenvolvimento da Educação Inclusiva.’ **Rosângela Lúcia de Oliveira, professora da EM José Monteiro de Castro.**

Registros e anotações que marcam essa etapa

'Sentindo-me cansada e por muitas vezes com uma vontade de "desistir". Encorajo-me a cada vez que percebo que de mim depende um aluno com muita capacidade e encorajamento para aprender. Afinal, sou uma professora que gosta de aprender e aperfeiçoar... Vamos à luta!'

Sandra Regina Dias de Melo Soares, profa. de apoio da EM Dona Maria de Oliveira Castanheira.



A Educação Inclusiva para mim está sendo desvendada nessa formação. Hoje eu acredito que, realmente, eu não sabia quase nada. Retirei uma venda dos meus olhos.'

Sandra Paula Coimbra São Pedro, profa. regente da EM Rosália Andrade da Glória.

"Procurei a Deus e não o encontrei. Procurei o meu próximo, e nos encontramos os três." (Gabriela Mistral)'

Elaine Beatriz Gomes de Lima Santos, diretora da EM Lucas Estevão Monteiro.

*'Minha gente vem aí
Um evento emocionante
De muito estudo
Desse grupo anunciante.*

*Peguei caneta e papel
Remexi nos meus lembrados
Anotei o passo a passo
Tudo que foi estudado.*

*Juntos somos mais fortes
Para o debate nesse evento
Nossas forças se unem
Para liderar esse movimento.*

*No diário de bordo
Vivenciando exemplos
Respondi aos desafios
Concretizando os momentos.*

*Ao que aprendi até agora
O estudo chama atenção
Para que não haja incidência
De discriminação ou preconceito
E qualquer violência,
Contra a vida das pessoas
Quem tenham deficiência.*

*Amar sem excluir
O amor é fortaleza
Se praticado dia-a-dia
A luz se erradia.*

*Nossos alunos especiais
Precisam de carinho
Os professores estudam
Buscando novos caminhos.'*



**Luciana Rodrigues Sena, vice-diretora da EM João
Olyntho Ferraz.**



PARA SEGUIRMOS EM DIÁLOGO...

O Projeto Educação Inclusiva, iniciativa da Fundação Vale em parceria com a Agência de Iniciativas Cidadãs, encerra mais uma edição. Construída em formato remoto, devido ao contexto de crise sanitária instalada pela pandemia da COVID-19, o projeto trouxe experiências sobre reinventar-se em tempos de incertezas.

Reconhecer e valorizar as diferenças, o trabalho docente e a educação como um todo é o que dá vida e potencializa a realização desse projeto. Os resultados compartilhados nessa publicação reverberam apenas parte das reflexões, aprendizados, práticas e trocas de experiências trazidas pelos gestores e professores multiplicadores participantes da formação.

Muitos foram os desafios encontrados durante todo percurso formativo. Com diversos encontros síncronos, assíncronos, webinar, encontros gerais, sarau, grupos focais, atividades dos planos de ação, a formação

foi ganhando forma e sendo construída com os gestores e professores multiplicadores e, a cada atividade formativa, a cada encontro, proposta e conversa, a inclusão ganhando espaço nos debates e discussões. Pensar a inclusão, sem dúvidas, é pensar a educação.

Dentre os diversos desafios sobre os conhecimentos acerca de promover uma Educação Inclusiva na modalidade remota de ensino, fomos encontrando junto à Rede Municipal de Educação de Congonhas, maneiras de construir o que Paulo Freire chamou de “inéditos-viáveis” (1979). Foram criadas então proposições, soluções, possibilidades e alternativas para alcançar tantos os estudantes, seja da classe regular e/ou público-alvo da Educação Especial, quanto suas famílias. A parceria e diálogo entre família-escola ocupava cada vez mais lugar de destaque para que se alcançasse os resultados esperados.

Se a inclusão é, certamente, uma perspectiva que vai além do acesso dos estudantes à escola, é preciso garantir sua permanência e seu desenvolvimento cognitivo, socioemocional e comunitário, compreendendo suas particularidades e individualidades e concebendo-os enquanto sujeitos de direitos. No contexto da escola, que por ora se caracteriza no formato remoto, a perspectiva da Educação Inclusiva tampouco muda. É preciso incluir esses sujeitos também nesse modelo de escola virtual.

Chegamos ao final dessa trajetória formativa com os corações gratos e transbordantes por termos encontrado profissionais comprometidos com a educação de qualidade para todos. Caminhar juntos nessa formação, certamente possibilitou a mudança de olhares e uma construção coletiva de conhecimentos que potencializaram e ressignificaram práticas educativas inclusivas.

Esperamos que esse material possa inspirar outros educadores, gestores escolares, profissionais e apoiadores da educação a seguirem em suas reflexões e práticas educativas comprometidas com os princípios da Educação Inclusiva e democrática. Que as reflexões aqui provocadas possam contribuir para fomentar a busca de estratégias outras, de forma coletiva e colaborativa, fortalecendo a perspectiva da inclusão em cada escola e comunidade.

Para concluir, queremos registrar nossos agradecimentos a todos os participantes dessa formação que deram vida a nossos encontros, que potencializaram a discussão e reflexão sobre práticas inclusivas no cotidiano escolar, que compartilharam saberes, experiências e práticas, que nos presentearam com seus talentos e com seu brilhantismo deixando suas marcas e dando identidade ao Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva no município de Congonhas, em Minas Gerais. É essa pluralidade docente e esse desejo de transformação que fazem a diferença na vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS

AIC. Diário de Bordo. **Programa de Formação Remoto em Educação Inclusiva** – Congonhas. Belo Horizonte – MG, 2021.

_____: Caderno de Boas Práticas: **Narrativas e Experiências na Formação remota em Educação Inclusiva em Itaguaí - RJ**. Belo Horizonte – MG, 2020

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas, vol. 1**, São Paulo, Brasiliense, **tese n. 3. “Madame Asriadne, segundo pátio à esquerda” e “Rua de mão única”, In: Obras escolhidas, vol. 2**, São Paulo, Brasiliense, 1987.

FABRÍCIO, Nívea Maria de Carvalho; CANTOS, Paula Virgínia Viana. **Diagnóstico -Intervenção - Perspectivas. Atuação da Escola Inclusiva. In: Periódicos Eletrônicos em Psicologia. P. 112-121**. São Paulo, SP, 2011. Disponível em: [Diagnóstico- intervenção- perspectivas: atuação da escola inclusiva \(bvsalud.org\)](http://diagnostico-intervencao-perspectivas.atuacao-da-escola-inclusiva(bvsalud.org)). Acesso em: 03/09/2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um Encontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. **Conscientização: Teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**; ANTUNES, Cristiana; GERALDI, João Wanderley (Trad.). 1ª ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2014.

NÓVOA. António. **Professores, Imagens do Futuro Presente**. Ed. Instituto de Educação Universidade de Lisboa – EDUCA. Lisboa, 2009.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história da formação. In. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP, 2005.

SOUZA, Eldinea Gonçalves de; GUIMARÃES, Elza Barbosa; PORTO, Maiara Soares; URBANO, Maria Cristina Zecchin; SANTOS, Maria Socorro da Silva; VANIN Luciene de Souza. **Educação Inclusiva: Igualdade na Diferença**. In: Revista Científica do Centro Universitário de Jales (Unijales). Edição V, 48-56, 2012. Disponível em: <http://reuni2.unijales.edu.br/>. Acesso em 31/08/2021.

FUNDAÇÃO VALE

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE CURADORES

Luiz Eduardo Osório

PRESIDÊNCIA

Hugo Barreto

DIRETORIA-EXECUTIVA

Flávia Constant

Pamela De-Cnop

EQUIPE

Lívia Zandonadi

Mariana Pedroza

AGÊNCIA DE INICIATIVAS CIDADÃS - AIC

DIREÇÃO

Rafaela Lima

GESTÃO DE PROGRAMAS EDUCACIONAIS

Priscylla Ramalho

EQUIPE

Bim Oyoko

Danusa Tederiche

Karla Damiani

Kênia Chagas

Laiene Souza

Luísa Camargos

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

CONCEPÇÃO DO CONTEÚDO E ELABORAÇÃO DOS TEXTOS

Danusa Tederiche
Karla Damiani
Kênia Chagas
Laiene Souza
Luísa Camargos
Priscylla Ramalho

CURADORIA

Danusa Tederiche
Laiene Souza

REVISÃO

Danusa Tederiche
Laiene Souza
Mariana Pedroza
Priscylla Ramalho

PROJETO GRÁFICO

Jessica Kawaguiski
(identidade visual do projeto)

DIAGRAMAÇÃO

Lucas de Pedro

FOTOS

Arquivo AIC

Iniciativa:



FUNDAÇÃO
VALE

Parceria Institucional:



Parceria Técnica:



AIC
Agência de
Iniciativas Cidades